

PROMEP
Mestrado Profissional
em Estudos Culturais
Memória e Patrimônio

Câmpus
Cora Coralina



**Universidade
Estadual de Goiás**



**ESTADO
DE GOIÁS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA
E PATRIMÔNIO
MESTRADO PROFISSIONAL

LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES

PELAS RUAS DE GOIÂNIA: EVOCANDO LENDAS URBANAS COMO PATRIMÔNIO
IMATERIAL (2000-2023)

GOIÁS – GO

2024

LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES

PELAS RUAS DE GOIÂNIA: EVOCANDO LENDAS URBANAS COMO
PATRIMÔNIO IMATERIAL (2000-2023)

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador(a): Prof. Dr. **Thiago Fernando Sant'Anna e Silva.**

GOIÁS – GO 2024



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome Completo:

Luiz Felipe Pereira Nunes

Email: tentadomaslin@gmail.com

Dados do trabalho

Título: Pelas ruas de Goiânia: evocando lendas urbanas como patrimônio imaterial (2000- 2024)

Tipo:

Tese Dissertação


Curso/Programa PROMEP- Mestrado em estudos culturais, memória e patrimônio

Concorda com a liberação documento:

SIM NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Brasília, 20 de Dezembro de 2024

Assinatura autor(a)  Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

N972p

Nunes, Luiz Felipe Pereira.

Pelas ruas de Goiânia : evocando lendas urbanas como patrimônio imaterial (2000-2023) [manuscrito] / Luiz Felipe Pereira Nunes. – Goiás, GO, 2024.

86f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva.

Relatório técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Patrimônio cultural – Goiânia, GO. 1.1. História de Goiânia, GO. 1.2. Lendas urbanas. 1.2.1. Patrimônio imaterial. 1.2.2. Memória. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 316.75(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

LUIZ FELIPE PEREIRA NUNES

PELAS RUAS DE GOIÂNIA: EVOCANDO LENDAS URBANAS COMO PATRIMÔNIO
IMATERIAL (2000-2023)

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de (Exame de Qualificação/Defesa) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em 10 de dezembro de 2024, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva – (UEG)
Orientador

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros (UEG)
Membro Interno

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva (UEG)
Membro Externo

Prof. Dra. Raquel Miranda Barbosa (UEG) Suplente Interno
Membro-suplente Interno

Prof. Dr. Welson Barbosa Santos (UFU)
Membro-suplente externo

Goiás, 10 de dezembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Começo esta dissertação agradecendo aqueles que em minha memória fizeram do presente um futuro possível. Agradeço!

Ao meu orientador Thiago Fernando Sant'Anna e Silva que aceitou caminhar comigo nesse caminho pelas ruas de Goiás.

A banca que me auxiliou a encontrar a luz nas sombras da dificuldade.

Aos meus pais, que me ensinaram que a memória é tão importante quanto o presente, pois sem ela, não teremos futuro.

Ao meu noivo Johnatan que me deu suporte em momentos em que eu acreditei não ser capaz.

Ao Promep por acolher uma pesquisa que em primeiro olhar parecia uma caixa de pandora, mas que se mostrou apenas um mistério divertido de se desvendar.

E agradeço a Diana, minha companheirinha que serviu de apoio emocional em todos os momentos.

O que não se lembra é uma forma de horror, uma ausência que grita.

Elie Wiesel

RESUMO

Este estudo se propõe a realizar o levantamento das lendas urbanas de Goiânia, Goiás partindo do ponto da ótica patrimonial. O objetivo do trabalho é coletar as lendas de Goiânia com a proposta de mapear a cidade com as histórias, para que posteriormente se abra espaço para intervenções na área de turismo macabro na cidade. O produto resultante dessa pesquisa será um guia turístico de Goiânia contando com o mapeamento dessas lendas assim como, o seu registro que será importante para a memorização das narrativas que por suas características são perpassadas de forma oralizada. Para repensar essas narrativas iremos considerar o local, a “entidade” e a fonte do registro nos embasando nos conceitos de memória e na relação do patrimônio imaterial com a morte bebendo nas fontes de Chuva e Abreu e Chagas. Para abordarmos as lendas urbanas como patrimônio sombrio utilizaremos de autores Meneguello, Foley e Lenon. A metodologia utilizada será: Etnografia da duração, baseada na autora Eckert, se apoiando na abordagem culturalista com instrumento de pesquisa, questionários mistos. Por meio do questionário buscaremos identificar a relação e o conhecimento da população que vivencia a localidade das lendas urbanas. Para a identificação das lendas serão pesquisadas em bases de dados: Portal de periódicos Capes e no buscador Google acadêmico e sites de jornais goianos, o recorte temporal do levantamento foi de 2000 a 2023.

Palavras-chave: Patrimônio; Lendas; Urbanas; Goiânia; Patrimônio Sombrio.

ABSTRACT

This study aims to survey the urban legends of Goiânia, Goiás, from a heritage perspective. The objective is to collect the legends of Goiânia in order to map the city with these stories, eventually creating opportunities for interventions in the area of macabre tourism. The outcome of this research will be a tourist guide for Goiânia, featuring a mapping of these legends, along with their documentation, which will be important for preserving the narratives that are traditionally passed down orally. To rethink these narratives, we will consider the location, the “entity,” and the source of the records, grounding our approach in concepts of memory and the relationship between intangible heritage and death, drawing from the works of Chuva, Abreu, and Chagas. To address urban legends as dark heritage, we will reference authors Meneguello, Foley, and Lenon. The methodology employed will be duration ethnography, based on Eckert’s work, supported by a culturalist approach and mixed research instruments, including questionnaires. Through the questionnaire, we aim to identify the relationship and knowledge of the local population regarding the urban legends. The identification of the legends will be conducted using databases such as the Capes Journal Portal, Google Scholar, and websites of Goiás newspapers, the time frame of the research was from 2000 - 2023.

Keywords: Heritage; Legends; Urban; Goiânia; Dark Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sufragista	20
Figura 2 - Três portas para o Misticismo	31
Figura 3 - Esquadro Maçom.....	32
Figura 4 - Média de idade	62
Figura 5 - Pedro Ludovico e seu cavalo	66
Figura 6 - Capa Guia Turístico.....	71
Figura 7 - Repositório	76
Figura 8 - Cartão de apresentação	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lendas Urbanas de Goiânia.....	48
Tabela 2 - Dados de lendas	52
Tabela 3 - Resposta questionário questão 5	64

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CFN - Comissão Nacional do Folclore

SPHAN - Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 LENDAS URBANAS: HISTÓRIAS DE TERROR PARA NÃO DORMIR	19
1.1 Goiânia/GO uma terra de mistérios.....	27
1.2 Referencial teórico: vozes do além	34
1.2.1 Patrimônio imaterial.....	34
1.2.2 Patrimônio Cultural.....	37
1.2.3 Patrimônio sombrio.....	39
1.3 Métodos	42
1.3.1 Etapas e questionário	44
1.3.2 Critérios de inclusão e de exclusão.....	45
1.3.3 Tamanho da Amostra.....	45
1.3.4 Riscos ao participante e providências para minimizá-los	46
1.3.5 Benefícios ao participante	47
2 QUESTIONANDO AS VOZES.....	47
2.1 Fantasmas e discursos.....	55
2.2 O esqueleto na sala: como questionamos	58
3 PROPOSTA DO PRODUTO: UM GUIA SOMBRIO.....	70
3.1 O formato definido	72
3.2 Público-alvo: aos soturnos:.....	73
4 APLICANDO A DOR SOB O MURO DA CIDADE	75

4.1 Manual de uso do Produto	75
4.2 Proposta de aplicação na comunidade participante.....	76
4.3 Devolutiva para a comunidade.....	78
5 A ÚLTIMA PÁ DE TERRA.....	80
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Lendas são narrativas que carregam simbologia, elas seguem uma origem tradicionalmente oral, sendo passada de geração em geração. Quando se aplica atenção aos detalhes aplicando o método indiciário de Ginzburg (1989 p.41) é possível perceber fragmentos da história, seja do tempo em que a lenda se passa ou do estilo de vida da população da época. As lendas mesclam realidade e fantasia, e são atreladas ao imaginário sendo uma parte importante da memória e da cultura de uma região ou de um país.

Para a realização dessa pesquisa, partiremos das seguintes questões norteadoras: Como são construídas e dadas as lendas urbanas de Goiânia? De que maneira podemos constitui-las como patrimônio imaterial e sombrio da cidade?

É importante ressaltar que relatar as lendas regionais é poder auxiliar na preservação da cultura, memória e patrimônio social material e imaterial de um povo e de um local. O ato de narrar histórias fantásticas, principalmente de terror, antecede a idade média. No Brasil o folclore se liga à cultura indígena e ao modo de explicar o mundo, sejam fatos naturais ou situações inusitadas como desaparecimento de cabeças de gado. As histórias vêm sendo repassadas atualmente com maior popularidade por meio da Internet.

Para além da recuperação dessas lendas é imprescindível o compartilhamento para que a história se mantenha viva e que a tradição transcenda o tempo independentemente da sua transformação. Dentro do Brasil existem diversas histórias e lendas que contam e vivem tragédias, locais que podem ser visitados e pessoas que relatam ter presenciado experiências sobrenaturais. A veracidade do fantástico na história não é a parte mais importante para o estudo de lendas - conforme discutiremos a frente - , mas o contexto no qual ela se passa que revela detalhes sobre períodos e pessoas conforme o método indiciário de Ginzburg.

A popularização do uso da internet e websites colabora para divulgação das histórias auxiliando na popularização e divulgação de lendas folclóricas e urbanas, alcançando assim mais pessoas e auxiliando no papel da memória e na preservação dessas narrativas. Grupos de redes sociais como o Facebook têm reunido pessoas com interesses em comum e a socialização de lendas e histórias podem trazer diversos benefícios para a comunidade na qual ela está inserida, como aumento de turistas na região onde a lenda é situada e preservação da memória do local. Segundo Abreu e Chagas (2009) o gesto de guardar, colecionar, lembrar ou invocar tradições antigas vêm convivendo com a era da informação sempre nova e do culto à juventude.

Comprovando que é possível caminhar pelas ruas do passado com pontes novas de metal, que mediante de ligações e conexões poderemos estabelecer um mapeamento de memórias. Goiânia, sendo a “nova” capital de Goiás, com seus oitenta e nove anos de história carrega em seu cerne tradições, memórias e características de um povo.

A mudança da capital da cidade de Goiás para Goiânia em mil novecentos e sessenta e um auxiliou no aumento populacional da nova capital, e como consequência a quantidade de pessoas na região, é possível que novas histórias tenham se desdobrado sob as ruas e “veias” abertas de Goiânia e por meio desta pesquisa pretendemos coletar e mapear os locais e histórias que cresceram com a cidade. A cultura brasileira é rica e vasta, o Brasil possui em seu acervo patrimonial comidas, monumentos, estátuas e mitos. Cuca, Saci, Iara e outras, essas lendas, puderam ser estudadas e definidas como patrimônio imaterial por intermédio da legislação. Pensar em lendas urbanas é pensar em memória, patrimônio e cultura, esses três pilares são necessários ao se construir o complexo edifício que se solidifica por meio das narrativas.

Goiânia, apesar de sua pouca idade — noventa e um anos — comparada às grandes capitais nordestinas, como Fortaleza, com duzentos e noventa e oito anos, ou à capital do Rio de Janeiro, com quatrocentos e cinquenta e nove anos, possui uma construção repleta de uma “magia” quase imperceptível aos olhos dos desatentos. Sua fundação, em 1933, com planejamento urbano moderno para a época, trouxe uma proposta diferenciada, que buscava não apenas ser uma cidade administrativa, mas também um centro de cultura e identidade. A arquitetura art déco, tão característica em suas ruas e praças, imprime um charme peculiar que mistura funcionalidade e estética de maneira harmoniosa. Goiânia se destaca também por seus muitos parques, que são verdadeiros pulmões verdes da cidade, oferecendo aos seus habitantes um refúgio natural no meio do concreto.

Além disso, a cidade carrega em seus símbolos e em sua história uma forte presença da religiosidade católica, evidenciada na imponência das igrejas e na tradição de festas religiosas que marcam o calendário local. A influência da maçonaria também se reflete na cidade, em seus projetos urbanos e na disposição das praças e avenidas, que seguem um simbolismo esotérico com formas geométricas e uma certa harmonia cósmica. O Centro de Goiânia, com suas avenidas largas e praças abertas, por exemplo, remete a uma sensação de espaço e equilíbrio que reflete o desejo de integrar o progresso com a espiritualidade. Tais características fazem com que Goiânia, apesar de jovem em idade, seja uma cidade que guarda muitos mistérios e encantos em sua construção e no seu cotidiano.

Para Santos (2006, p.7) a história registra com abundância as transformações por que passam as culturas. As lendas urbanas são um exemplo de transformação registrada pelo tempo, o êxodo rural, a migração da população urbana para as capitais e grandes cidades trazem consigo reflexos do contato entre as histórias do campo e a violência cosmopolita.

A proposta dessa pesquisa é realizar o levantamento de lendas urbanas na região de Goiânia-Goiás mapeando a localização dos relatos, gerando assim um registro sobre o mapa da cidade para proporcionar uma reflexão histórica e cultural, observando a capital de Goiás sob uma ótica da memória do povo goiano. É importante levantar a bandeira sobre as narrativas da cidade para que seja lembrada e que assim – apesar da característica oralizada das lendas – exista registros bibliográficos, e com isso possamos repassar e perpassar o tempo e as gerações. As lendas por se tratar de um patrimônio cultural imaterial e por terem como característica o compartilhamento por meio da oralização tendem a se perder e ter versões alternativas, para Abreu e Chagas (2009. p. 55):

Os bens culturais de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação que não cabe nesses conceitos, sendo mais importante, nesses casos, registro e documentação do que intervenção, restauração e conservação.

Como proferido, considerando a natureza das histórias imateriais, é de suma importância o registro e a documentação dessas narrativas para pensar em sua preservação. Logo, manter a pesquisa sob a ótica do registro e mapeamento terá o efeito de memorização e divulgação das lendas urbanas de Goiânia. Acreditamos que será possível mapear ao menos dez lendas urbanas na cidade de Goiânia de modo que, a partir dessa pesquisa, exista a possibilidade de que a cidade possa ser vista como uma localidade para se trabalhar o turismo macabro. E com isso, as histórias se mantêm vivas, tanto pelo seu registro, nesta pesquisa, como pela vivência do povo goiano. Para atendermos às nossas questões norteadoras seguiremos os objetivos, sendo eles: objetivo geral: O objetivo geral da pesquisa é realizar o levantamento de lendas urbanas de Goiânia-Goiás, com a proposta de mapear as lendas da região e abrir espaço para novas possibilidades em relação a turismo e documentar as narrativas oralizadas da capital de Goiás proporcionando assim uma estratégia de preservação do patrimônio sombrio e imaterial de Goiânia. Objetivos específicos: Realizar levantamento de lendas urbanas por intermédio de sites de jornais e materiais bibliográficos. Criar uma planilha sobre as lendas coletadas com suas características e agrupá-las.

Ao longo da pesquisa será aplicada a metodologia da etnografia da duração de Eckert (2011) que nos permitirá compreender as relações entre a população que convive na região em que as lendas urbanas estão situadas e como o contato com espaço de narrativas afeta, ou não o dia-a-dia dessa população. Será realizada uma pesquisa de campo, com coleta de dados por intermédio de um questionário de perguntas mistas com o objetivo de compreender a visão dos participantes sobre lendas urbanas, iniciando com questões sobre o conhecimento sobre o tema, impacto da vivência sobre a região e por último a visão dos mesmos acerca da possibilidade de se tornar um destino turístico.

O método indiciário de Ginzburg (1986) consiste em abordagens amplas e será utilizado como suporte à etnografia da duração. Esse método se caracteriza pela permanência na análise de ocorrências, de maneira semelhante ao trabalho de um detetive ou médico, desmembrando fragmentos da sociedade – mesmo aqueles que, à primeira vista, poderiam ser considerados cientificamente imprecisos ou irrelevantes, como o folclore – com o intuito de obter uma visão mais aprofundada e por um ângulo pouco explorado. Dessa forma, o pesquisador consegue compreender aspectos da realidade social que muitas vezes escapam a observações superficiais. A aplicação desse método se liga diretamente ao trabalho de campo do pesquisador, sendo que, no contexto da pesquisa em questão, isso se traduz na aplicação de um questionário que visa capturar detalhes específicos e muitas vezes negligenciados da realidade observada.

Ginzburg desenvolveu esse método a partir da análise de documentos sobre bruxaria na Itália, especificamente durante os séculos XVI e XVII. Ao adotar uma abordagem minuciosa e atenta aos pequenos indícios, o autor conseguiu mapear as dinâmicas sociais da época, oferecendo uma interpretação sociológica das crenças e práticas relacionadas à bruxaria. A relevância desse trabalho reside no fato de que ele mostrou como é possível, a partir de fragmentos aparentemente desconexos e marginalizados, reconstruir um panorama mais completo das estruturas sociais e das relações de poder que moldavam o cotidiano das pessoas. Assim, o método indiciário não apenas ilumina aspectos da vida cotidiana que escapam ao olhar tradicional, mas também oferece uma ferramenta poderosa para a compreensão das complexas interações entre cultura, poder e identidade em diferentes contextos históricos e sociais.

1 LENDAS URBANAS: HISTÓRIAS DE TERROR PARA NÃO DORMIR

As lendas, sejam elas urbanas ou rurais, têm como característica principal a oralidade, passando a narrativa de geração em geração, uma espécie de herança cultural que mantém a memória dos antepassados viva por meio de palavras. Bosi (1994) nos diz que quando investigamos as lembranças dos idosos, estamos na verdade reconstruindo um passado que levou o indivíduo ao seu presente. As histórias folclóricas são parte da memória e da vida de pessoas e carregam um conjunto de tradições, não é simplesmente o ato de contar, existe o momento, a alimentação e a escolha de palavras não se limitando a apenas estes passos, o ato de contar uma história é um rito social.

Segundo Benjamin (p.1. 1989):

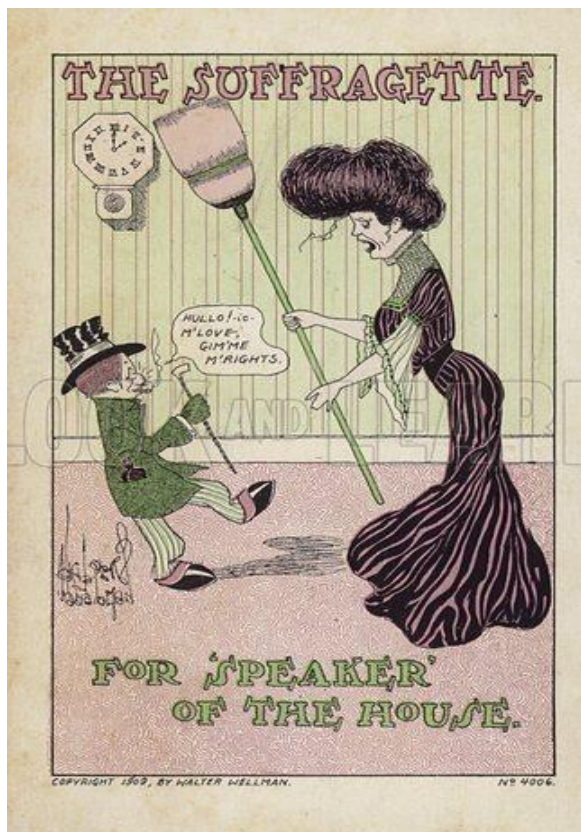
A palavra folclore, grafada inicialmente folk-lore fora formada a partir de das velhas raízes saxônicas em que folk significa povo e lore saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significa sabedoria do povo. Nessa época, não existia um folclore urbano, hoje já aceito.

O folclore, sendo ele, a sabedoria do povo, traz consigo uma descrição do tempo, local e espaço em que um grupo vive, ele é uma maneira de se relatar a sociedade e um momento, mesmo que de forma fantasiosa, a sabedoria popular se move conforme a população segue sua vida, sendo carregado por sua cultura, e muitas vezes, seguindo do campo para a cidade, mudando de folclore para lenda urbana. Uma exemplificação de folclore que se torna um pedaço da sociedade e reflete os medos, costumes e práticas sociais seria o mito da bruxa na idade média.

Surge um folclore sobre essa figura feminina que possui poderes mágicos e que amaldiçoa o gado, a plantação e as crianças. Uma visão perversa e deturpada do que se mostrou posteriormente serem mulheres que praticavam a medicina natural no período. Se criou então uma figura mitológica com o intuito de punir e retirar todo e qualquer autonomia que a mulher poderia vir a possuir e que viesse a sombrear a figura masculina. Essa lenda se tornou posteriormente um arquétipo que novamente era deslocado como uma forma de ataque a figura feminina, como utilizado nas ilustrações políticas contra o movimento feminista no período sufragista. Este modo de se criar uma lenda ou alterar uma lenda pensando em um interesse próprio é uma das possibilidades ao aprofundarmos a temática. Na figura abaixo é possível vermos uma exemplificação de como o movimento anti sufragista retratava as mulheres as simbolizando com um arquétipo que se relaciona a imagem da bruxa, trazendo acima figura

mitológica e folclórica como um estereótipo em que onde existem mulheres que buscam seus direitos ali encontra-se uma bruxa e para a visão social da época era um ponto negativo.

Figura 1 - Sufragista



FONTE: English School

Esta adoção de termos folclóricos como maneira de diminuir moralmente figuras sociais não se manteve apenas a figura da bruxa, termos como: é feia como ogro. Estas são terminologias que acompanham um tempo e um recorte social, em outros momentos e culturas a imagem do ogro/troll foi de importante relevância cultural para o povo norueguês, de modo que foi criado um parque de diversões com a temática dessas criaturas folclóricas, o *Hunderfossen*.

Cascudo (2006 p.21) compartilha conosco seu resumo a cerca da literatura oral como parte do coletivo de jogos infantis, cantigas de embalar, estrofes das velhas xícaras, adivinhações e lendas. E ainda assim, nos confronta com o fato de que a literatura folclórica é totalmente popular, mas nem toda produção popular é necessariamente folclórica. Para falarmos de folclore é necessário possuímos quatro elementos:

A) Antiguidade, B) Persistência, C) Anonimato, D) Oralidade.

Segundo Sales (2023, p.11) para Severino Vicente, membro da “Comissão Nacional do Folclore” esses quatro aspectos estabelecidos por Cascudo são pilares para estudar a temática folclore no Brasil, contudo ele mantém ressalvas onde afirma que nos tempos atuais, não devemos ficar presos aos pontos básicos. No período em que a Comissão Nacional do Folclore (CNF) foi inaugurada em 1947 existia uma dicotomia entre o que era cultura brasileira e dentro deste questionamento o embate se fortalecia entre cultura erudita e cultura popular, atualmente essa discussão se tornou ultrapassada criando se um novo caminho para se pensar cultura nacional, um entremeio.

Entremeio essa afirmação do Folclorista venhamos analisar o nosso objeto de estudo, a lenda urbana, mas antes de contextualizarmos o urbano iremos quebrar a palavra, LENDA / URBANA.

Cascudo (2006, p.105):

Na fábula pode intervir o sobrenatural, mas esse não é o elemento típico. Nas lendas é a própria atmosfera. [...] a lenda, legendas traz a idéia da leitura, do gráfico, a imobilidade que se reveste de um ligeiro ritual, determinando a meia certeza da credulidade [...] a “constante” da lenda é o traço religioso [...] não há, quase, lendas inúteis e desinteressadas. Todas doaram alguma cousa, material ou abstrata.

Para contextualizar, essa análise sobre lenda, se dá a partir da ótica das lendas indígenas, no caso, Cascudo conta que a maioria das lendas indígenas deixam histórias com aprendizados como “origens”, por exemplo a lenda da origem do guaraná, a lenda da origem da lua e etc. Deste trecho podemos compreender que as lendas são ritualísticas, não no ato da palavra, mas no seu imagético,

As pessoas se preparam para contar a lenda, existe uma entonação, o que o autor chama de ligeiro ritual, deixando sempre uma meia certeza sobre a veracidade, a lenda nasce no entremeio da crença. No caso das lendas indígenas como característica ela se doa para a comunidade como uma forma de história viva. Porém, quando adicionamos o urbano na história podemos manter os quatro elementos citados acima, três. Persistência, Anonimato e Oralidade. O contexto da antiguidade da lenda é relativo, uma vez que as cidades possuem em seu cerne uma temporalidade relativa, existem cidades com cinquenta anos, e no caso do objeto desta pesquisa, Goiânia, possui noventa anos na data desta dissertação. A narrativa de uma antiguidade dentro de um espaço urbano pode ser volátil, pois como característica da cidade

como espaço é estar em constante mudança, mais à frente iremos falar sobre o conceito de urbanidade e cidade.

Sylvestre (2012) entende lendas urbanas como histórias originárias na literatura oral, transmitidas de geração em geração com possíveis variações. São narrativas que causam estranhamento, pavor, horror ou terror que podem ou não ter um ensinamento. Para Lopes (2007) em uma primeira definição, podemos dizer que lendas urbanas são histórias ou elementos que envolvem situações corriqueiras do cotidiano, mas que por seu caráter inusitado ou próximo do absurdo, provavelmente não aconteceram ou não podem ser postas a prova ou método científico.

Dentre os autores citados é em ponto pacífico que as lendas trazem consigo aspectos fantásticos e que são ligadas a situações do cotidiano, um exemplo seria a Loira do banheiro, ou em sua versão norte americana a *Blood Mary*. Nessa lenda é possível identificar apenas algumas variações regionais, porém, com alguns itens em comum como o espelho do banheiro que é citado em quase todas as versões contadas e o momento em que a entidade é desafiada.

O fantástico sempre chamou a atenção dos seres humanos, desde os primórdios com a invenção do fogo, quando era possível fazer sombras nas paredes das cavernas – e com sangue de animais e pedras, fizeram gravuras nas rochas – a arte rupestre e através desse memento, onde foi fincado o marco do desenvolvimento da fala, surgiu a oralidade que se vincula ao ato de se contar histórias, fortalecendo vínculos e criando momentos de socialização.

Com o desenvolvimento humano, civilizações inteiras foram erguidas sobre mitologias e histórias fantásticas que traziam ensinamentos e reflexos de uma cultura e de um tempo.

Segundo Rocha (2009, p.220) O estudo do folclore permeia diversas áreas das ciências sociais aplicadas e humanas, contudo, a área recebe uma grande receptividade da antropologia e dos estudos culturais e patrimoniais em específico o patrimônio cultural e imaterial no contexto do pensamento social brasileiro. Hobsbawm (1997, p.10-11) cita que as tradições seguem conforme a sua relação de continuidade, o ato de se contar narrativas e utilizar dessas histórias para explicar fenômenos tornam as lendas parte das tradições orgânicas, o ato de se contar histórias é um costume, mas criar histórias é compartilhá-las é uma tradição. As lendas partilham do universo do “imaginário” humano, espaço este que Baczko (1985 p.298) nos relata que o ideal de imaginário aos poucos tem se desassociado da relação com ilusório e se aproximando a um conceito próximo da arte. Malinowski (1936) acredita que os grupos de

mitos podem representar um mapa social, trazendo uma visão em que os mitos e o imaginário são representações coletivas de uma crença que tem sua relevância para uma comunidade, e por isso, o ato de crer tem seu impacto na vida do coletivo.

O imaginário é fonte de inspiração, arte e reflexo das comunidades, se tornando não apenas uma história, mas um aspecto social.

Para aprimorarmos a discussão trago a contribuição de um dos, se não o maior folclorista nacional. Para Cascudo (2006) a lenda está relacionada independente a localização no espaço e por isso ele tende a caminhar conforme a migração, ela é uma fixação que pode ser carregada e determinada por um valor local, uma ondulação na imaginação coletiva.

Em suma, a lenda nasce em um espaço físico e pode ser disseminada independente dessa localização, e é assim que surgem variações da narrativa, como por exemplo *La Llorona* do México e a moça de branco no Brasil, histórias com traços próximos, mas que ainda assim, possuem características geográficas que se distinguem.

Ainda para Cascudo (2006) o mito, ele representa a ação, o testemunho humano, possuem características que podem ser mutáveis, conforme a cultura se desenvolve e o ambiente. O mito surge a partir de uma visão humanística enquanto a lenda nasce puramente da oralidade, as pessoas, e para além, o mito pode orbitar um conjunto de lendas sem exigência temporal.

O mito carrega uma crença mais profunda e representa o anseio de uma crença enquanto a lenda, ligada um local, pode se dissipar com o tempo fluindo em uma nova história. O mito comumente surge da necessidade de se explicar um fenômeno e é ligado a origens, como por exemplo o mito da criação de Roma, onde existe a história de Rômulo e Remo e a loba. O mito é um conjunto de histórias que se tornam uma Mitologia, um conjunto de histórias originárias, outro exemplo seria a mitologia grega, existe um complexo sistema de interligação entre mitos que se tornou o panteão grego e posteriormente foi readaptado para a mitologia romana. O mito é sobre profundidade e tradição. Para Eliade (1986) a sociedade moderna tende a atribuir uma polissemia para o termo Mito, o atribuindo a ficção, ilusão e tradição sagrada e que para os gregos existiu uma mudança de visão do termo saindo do sagrado para identificá-lo como algo inexistente.

No Brasil, o folclore toma forma nas cidades interioranas ao passo que as capitais se estendem, a cultura popular entra em contato com o brutalismo das metrópoles. Lendas e mitos sobre lobisomens, mulas sem cabeça e cucas, que, a partir da voz de autores como Câmara Cascudo (2015), tornaram possível o mapeamento de quase todos os mitos e lendas do folclore brasileiro, incluindo suas origens. Em sua maioria uma junção de narrativas dos povos indígenas que compõem o território brasileiro, como parte do folclore português e do folclore trazido por religiões de matriz africana que foram traficados e escravizados para o Brasil. É necessário salientar que para que o folclore tanto o indígena quanto o do povo preto ter sobrevivido ao processo de colonização, foi resultado de um esforço e resistência cultural e física, um motivo para que hoje, devemos estudar e buscar maneiras de salvaguardar essas narrativas como forma de respeito a memória daqueles que, lutaram para que suas histórias fossem passadas e gravadas.

Segundo Waber (1999 p.118) os problemas sociais como por exemplo criminalidade, tendem a refletir sobre a visão sociológica da população em determinados grupos. No caso das lendas urbanas, elas seriam uma resposta a atos relacionados a o horror urbano, tornando-se assim parte de uma narrativa de um grupo específico, sendo ele um bairro ou região da cidade. As lendas podem ser um evento de recorte geográfico, no caso de Goiânia ela se estabelece no formato de bairros, uma lenda que ocorre em x local, pode não ser conhecida em y região, entretanto como dito por Waber é sobre uma relação distinta que envolve a esfera de lugar, eventos e complexos.

Lendas como a dos fantasmas caroneiros, que são entidades que vivem próximas a cemitérios e locais de tráfego alto, e que chegando próximo a meia noite aparecem pedindo carona a motoristas desavisados, são reflexos de regiões onde ocorreram diversos casos de mortes de mulheres jovens ou crianças, já que na maioria das versões destas lendas a figura que aparece pedindo carona são em sua maioria mulheres e crianças jovens, muitas dessas lendas estão conectadas a acontecimentos reais, como crimes não solucionados ou desaparecimentos misteriosos, o que torna essas narrativas ainda mais perturbadora.

Ao longo desta pesquisa iremos levantar lendas urbanas da cidade de Goiânia, nas quais será possível compreender essa relação com a violência urbana e as histórias contadas e como as mesmas se entrelaçam diretamente com a trama e ritmo da cidade, contando parte das histórias dos crimes que ocorreram nos bairros de Goiânia.

Lendas urbanas podem ser consideradas uma versão urbanizada e cosmopolita das histórias do campo, dos folclores passados de geração em geração considerando a estrutura da narrativa, com suas características oralizadas e com sua maneira de se relatar um ocorrido ou vivência a partir do fantástico. As lendas urbanas denotam como objetivo principal, causar medo e contar um momento ou um evento passado. Em 1910, Arnold Van Gennep (1910) estabeleceu quatro leis gerais sobre narrativas lendárias, sendo elas: localização, personificação, temporalidade e convergência os temas. Sendo assim estes quatro pontos seriam necessários para se pensar em uma lenda tradicional, aqui podemos traduzir para lenda folclórica. Sobre as quatro leis, a localização se trata da geografia do local onde se passa a narrativa, a personificação seria a relação de seres folclóricos citados, temporalidade envolve o tempo cronológica onde ocorre a narrativa e a convergência seria a coesão da história contada. Para Dion (2008) a lenda urbana se distingue da lenda tradicional por sua coincidência entre o tempo do narrador e o tempo da narração, em suma ao contrário da lenda tradicional em que o narrador e os protagonistas da história podem existir em tempos distintos, na lenda urbana, ambos são considerados contemporâneos. Para Dion (2008) enquanto as lendas folclóricas são transmitidas essencialmente pela oralidade e um espaço geográfico limitado, as lendas urbanas, são transmitidas em escala mundial através dos meios de comunicação.

É principalmente pelo seu conteúdo que os dois tipos de lenda se distinguem: as lendas modernas apareceram com o desenvolvimento técnico científico e a moda da vida urbana, que elas não se contentam de pegar como quadro mas que elas botam verdadeiramente no coração de suas narrativas. (RENARD, 2002. P. 51)

Para Rodrigues o folclore se constitui diretamente ao sujeito e a cultural: Segundo Rodrigues (2018 p. 311):

O folclore, como parte da cultura, é fonte de constituição do sujeito e esta presente na sua identidade social fornecendo elementos para compreensão do mundo atual. Como parte da cultura de um povo, os mitos e as lendas são, portanto, essenciais na formação da identidade dos indivíduos e da sociedade. Com o desenvolvimento da tecnologia e a predominância das mídias digitais, cada vez mais a tradição oral de transmissão está ficando em segundo plano.

Como dito por Rodrigues, devido à evolução das tecnologias e das mídias digitais, a tradição oral, que por séculos foi a principal forma de transmissão de histórias e saberes, está sendo gradualmente deixada de lado. No entanto, com o advento das redes sociais e das plataformas digitais, surgiu uma nova forma de compartilhamento e disseminação de conteúdo, e as lendas urbanas não ficaram de fora desse processo. O poder das redes sociais, como Facebook, Instagram e outras plataformas, ampliou a prospecção dessas histórias, permitindo

que elas se espalhassem por todo o país e alcançassem uma audiência muito mais ampla do que se imaginaria. Essas tecnologias, ao atuarem como um aparato para conectar pessoas de diferentes regiões, criam uma rede de comunicação que transcende barreiras físicas e geográficas. O compartilhamento de lendas urbanas, que antes tinha uma divulgação territorial limitada — geralmente restrita a pequenos grupos ou regiões específicas — agora pode ser feito instantaneamente e sem restrições, facilitando o encontro de pessoas com interesses em comum. Grupos e páginas dedicados a esses relatos, muitas vezes em plataformas como *Facebook* ou *WhatsApp*, criam um espaço para que indivíduos de diferentes estados ou até países compartilhem suas versões de uma mesma história, troquem experiências e discutam fenômenos misteriosos.

Para se analisar o fenômeno de lendas urbanas será aplicada a metodologia de etnografia da duração proposta por Eckert (1991), com a proposta de se compreender como as narrativas urbanas se entrelaçam com a memória coletiva, utilizando da vivência das metrópoles sobre a ótica de uma construção colaborativa de memória social. A metodologia de etnografia da duração bebe das fontes do antropólogo Gilberto Velho (1981) que aplicava estudos em sociedades com estilos de vida complexos e facetados.

A etnografia da duração absorve-se elementos que trazem vida e caos a sociedade, questões, problemas, violência, o caos urbano em sua forma mais extenuante. Para a etnografia da duração as relações entre o ser e o fenômeno é de extrema riqueza, e no

caso deste estudo será considerado o impacto de se viver em uma cidade/região em que as narrativas urbanas podem ou não afetar a convivência social. Para auxiliar na construção das relações, será utilizado em conjunto com a etnografia da duração, o paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que nos permitirá compreender a relação social sob o olhar da análise do fenômeno das lendas urbanas, considerando a partir da vivência da população com os locais das lendas, o *modus operandi* da sua rotina, afetada ou não por estar em um espaço considerado “mal-assombrado”. Ginzburg desenvolveu esse paradigma por meio de estudos sobre feitiçaria na Europa.

Entre as motivações que me levaram a estudar os processos de feitiçarias estava também o desejo de demonstrar que um fenômeno irracional (pelo menos segundo alguns) e atemporal, e portanto historicamente irrelevante, podia ser analisado em chave histórica, racional, mas não racionalista, (GINZBURG, 1989 p.8).

A motivação do autor em estudar uma temática que pode ser considerada irrelevante para a academia científica no período do desenvolvimento deste estudo se provou extremamente valiosa para compreender camadas sociais profundas e complexas, as quais, as abordagens metodológicas tradicionais, com dificuldade seriam apropriadas para tal levantamento. Neste momento, o campo acadêmico muitas vezes privilegiava temas mais amplos e convencionais, enquanto questões relacionadas a elementos culturais que não transpassam a barreira do sombrio como lendas urbanas, ou práticas sociais menos visíveis costumam frequentemente serem marginalizadas ou ignoradas. No entanto, o autor, ao se aventurar nesse campo considerado marginal, foi capaz de perceber aspectos das dinâmicas sociais que outras metodologias não seriam capazes de captar, graças a abordagem da etnografia da duração, pois essas questões frequentemente residem em esferas informais e subjetivas da sociedade. Darnton (1986 p,20) relata que as narrativas orais, sejam contos ou o próprio folclore carregam em suas palavras traços e símbolos escondidos que refletem a moral da época e da classe social. Esse pensamento entra em conexão com a proposta antropológica da metodologia de Eckert. Sobre com a análise social pode partir de um olhar folclórico.

O bem cultural dessa pesquisa se move pelo cerne do conhecimento e crença popular da comunidade goiana, as lendas urbanas assim como o folclore, são narrativas que se perpetuaram de forma oralizada. E como tal, por se tratar de um bem cultural imaterial, existe uma barreira metodológica ao se pensar na execução da preservação desta tipologia de patrimônio. Nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, foram ampliadas as noções de patrimônio cultural incluindo celebrações, festas, locais de feiras, santuários e locais de práticas culturais coletivas. Dentre os riscos dessa pesquisa se encontra a possibilidade da não adesão ao processo de coleta de dados devido a temática sombria da pesquisa.

1.1 Goiânia/GO uma terra de mistérios

Antes de Goiânia, houve Goyas e antes alguns passos atrás, obtivemos o mito do Luso-Brasileiro, o início da predestinação portuguesa sobre as Américas, segundo o mito São Tomé havia passado pelo Brasil antes da chegada de Portugal ao Brasil.

Segundo Holanda (2000, p.135):

Pode dar-se idéia de celeridade com que se difundiu a lenda do apóstolado de São Tomé nas Índias, e não apenas nas Índias Orientais,

lembrando como, em 1516, quando Barbosa acabou de escrever seu livro, já se falava em sua estada na costa do Brasil.

Sobre essa narrativa da predestinação do domínio português para com as terras brasileiras, inicia-se então uma criação de um mito sacro que se reflete no imaginário luso-brasileiro. Esta porém é apenas uma anedota da mistificação ou mitologia que cerca as costas banhadas por sal do Brasil, para além, trazendo em um contexto mais proximal se construiu ao longo dos anos o mito das três raças -Mito este que é representado por uma estátua no centro da cidade de Goiânia- a teoria de Darcy Ribeiro (1995) nos compreende, o povo brasileiro como uma miscigenação cultural, uma partilha entre a cultura indígena, africana e portuguesa, contudo, apesar de existir sim, influência das três culturas na construção do povo brasileiro, de maneira alguma podemos afirmar um equilíbrio sobre essas culturas.

A cultura herdada pelo povo africano e indígena sofreu e sofre apagamento cultural e submissão para com a cultura europeia. Contudo, este não é objetivo dessa pesquisa, contudo podemos compreender que o mito, assim como a lenda, são parte da história de um povo, mesmo que, como no caso do mito do povo brasileiro e o mito de São Tomé, são narrativas que partem de um ponto de vista dominante sob o dominado. Existe um poder sobre as palavras assim como sobre a história e o ponto de vista na qual a lenda ou mito surgem, devem ser questionados, conforme relatado no item 1, desta pesquisa, existe uma diferença entre o mito e a lenda e de uma forma simplista de se dizer, o mito possui um peso histórico muito maior do que a lenda, o que nos traz a necessidade de um olhar mais crítico quanto tratamos do tema, sendo o mito um conjunto complexo de lendas, em sua passagem pode-se encontrar vestígios de uma relação de poder.

Goyas, a primeira capital do estado de Goiás, é uma cidade que navega no rio vermelho das narrativas, sua própria existência se apoia em uma lenda, assim como a antiga cidade de Roma que nasceu a partir da lenda de Rômulo e Remo, Goyas moldou-se a partir da lenda do bandeirante.

Segundo Silva (2020. p.2)

Quando a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva chegou a Goiás, encontrou um território ocupado por povos indígenas da região. Como visualizou nas mulheres nativas ricos ornamentos, o bandeirante interpelou àqueles selvagens onde encontraram ouro. A lenda não conta como se deu essa comunicação, diz apenas que os indígenas se recusaram a fornecer a informação e permitir a entrada em suas terras, O homem-branco, então, com uma vasilha de água ardente (transparente como água), ameaça queimar os rios com seu poder mágico o suficiente

para por fogo em água. Assim foi que recebeu o nome de Anhanguera. De origem tupi, anhangá, “ser maligno”, e uera, “o velho, o que já foi”: diabo velho.

O herdeiro do diabo velho, posteriormente fundou o arraial de Sant’Anna em 1727 que com o tempo veio a se tornar Vila boa de Goyaz, a capital do estado até o final do século XIX. A nova capital começa a nascer no início do século XX com o movimento rumo ao oeste do presidente Getúlio Vargas. O objetivo da “revolução de 30” era trazer mais desenvolvimento para a região e tornar a nova capital uma região administrativa.

O interventor Pedro Ludovico Teixeira, nomeado por Vargas para dirigir o estado, emite o decreto 3.359, em 18 de maio de 1933, estabelecendo as bases para a implementação da nova capital.

Em 24 de outubro de 1933, foi lançada a pedra fundamental de Goiânia, marcando o início da construção da nova capital de Goiás. Segundo a Prefeitura de Goiânia (2024), o nome da cidade foi escolhido em 1935, após um concurso cultural promovido por Pedro Ludovico Teixeira, então interventor do estado. As opções finais eram Goiânia e Petrônia, sendo a primeira escolhida em homenagem ao estado e ao próprio interventor. a cidade foi desenvolvida pelos urbanistas Attilio Correia Lima e Armando Augusto de Godoy, com o objetivo inicial de abrigar 50 mil habitantes. Goiânia foi planejada para ser uma cidade moderna, com amplas avenidas e áreas verdes, representando um exemplo de inovação para a época.

A cidade tem crescido ao passar dos anos, sua população é um reflexo da magnitude e da expansão em que Goiânia se tornou, seus bairros seguiram se alongando e anexando territórios para que a vida continuasse a se movimentar pelas ruas e avenidas da metrópole do cerrado. Segundo a prefeitura de Goiânia (2022) em sua planilha de bairros por região, a capital atualmente possui em seu território 643 bairros, divididos em sete setores, sendo eles: norte, centro oeste, noroeste, sul, oeste, leste e sudoeste. A cidade se iniciou com o atual bairro de Campinas, nome do antigo município onde Goiânia foi fundada.

Goiânia nasce no seio do estado de Goiás, sendo Goiás uma região de mistérios desde sua habitação, segundo a revista A informação Goyana (2001, p. 887):

É nas alturas dos sertões que se perpetuam a rotina de outros tempos, já que a experiência dos bandeirantes havia estimulado o regime dos “mucheirões”, as lendas da mãe do ouro, os poços encantados, as almas penadas, assim como as décimas, representantes dos hábitos indígenas, e os desafios com os quais os caipiras tomavam pulso contra os seus rivais nos improvisos poéticos.

As histórias e narrativas fazem parte não apenas da capital goiana, mas de toda a sua construção como estado.

Dentro das paredes da selva de pedra Goianiense, existem brotos de sua história registradas como patrimônio, e apesar de sua imponente é possível encontrar entre os patrimônios regionais, aqueles que podem ser considerados patrimônios sombrios, por se associarem a momentos de dor e sofrimento, dentre eles o primeiro cemitério da capital do estado de Goiás, o cemitério Santana, localizado no setor campinas, o setor mais antigo da cidade sua relevância e imponente são atribuídos pela sua importância para a história da capital e sua arquitetura.

Segundo Rodrigues e Silva (2019 p.93):

Em Goiânia, o Cemitério Santana, localizado no Setor Campinas (o mais antigo da cidade inaugurado em 1940) recebeu o título de patrimônio da cidade pelo Decreto nº 1.879, de 26 de setembro de 2000. Em conformidade, entende-se que seu acervo funerário e arquitetônico configura-se como importante elemento da cultura material da cidade, ainda que, conforme lembra Costa (2012, p 111), “A cultura material associada com a morte estabelece com a sociedade uma dupla posição do que se deve e não deve ser lembrado, mas que sem dúvida tem sempre uma grande carga simbólica”.

Outro momento que pode ser considerado um patrimônio sombrio seria a casa da família da Leide das Neves, a primeira vítima do incidente com o Césio 137. Foi uma trágica história que marcou a cidade de Goiânia e reverberou por todo o país. Apesar de existir um esforço para que essa narrativa venha com o tempo ser levada ao esquecimento, sendo o campo do patrimônio um espaço de embate, quando pensamos em patrimônios ligados à morte, dor e sofrimento existe uma resistência complementar sobre uma memória que para alguns pode ser uma necessidade de esquecimento enquanto para outros, se vive em constante luta, para que ela não venha a cair da mente da população.

A morte sobre o arquétipo da dor coletiva faz parte da vivência da cidade e como tal, se estendem pela história da construção e expansão da cidade. Moreira (2002) relata o nascimento de Goiânia como uma lenda, um desejo encantando, filha mística e vitoriosa de Pedro Ludovico Teixeira. Além de bandeirante, Pedro Ludovico era catequista e seu esforço em converter os políticos e coronéis da ex- capital, Goiás não foi sua única artimanha religiosa.

Em matéria ao jornal O Popular (1991), em 15 de junho de 1991 Antônio Lisboa descreve a pesquisa da artista plástica Evandra Rocha sobre a relação arquitetônica de Goiânia

com o misticismo. Elencando a cidade como a capital esotérica brasileira, ao longo de sua pesquisa, Evandra Rocha visualiza na construção dos prédios e ruas de Goiânia uma relação entre a trindade. Em seus exemplos, ela cita que todos prédios projetados na época da fundação possuem três portas. Para além dos prédios uma das formas marcadas do esoterismo tríplice seria visto na forma triangular da parte central da cidade.

Se iniciando na antiga estação ferroviária e percorrendo até a praça cívica compoendo a imagem da santa católica Nossa Senhora Aparecida com sua auréola formada pela rua 82. Na mesma matéria, Maria Barbosa, estudiosa do misticismo, explica que a relação com o número três e com o triângulo denotaria perfeição. Ela também crê que Attilio Correia Lima acreditava no misticismo e como o catolicismo era a religião com maior adesão no período, o arquiteto teria projetado Goiânia de forma a incluir sua crença de forma discreta.

Figura 2 - Três portas para o Misticismo

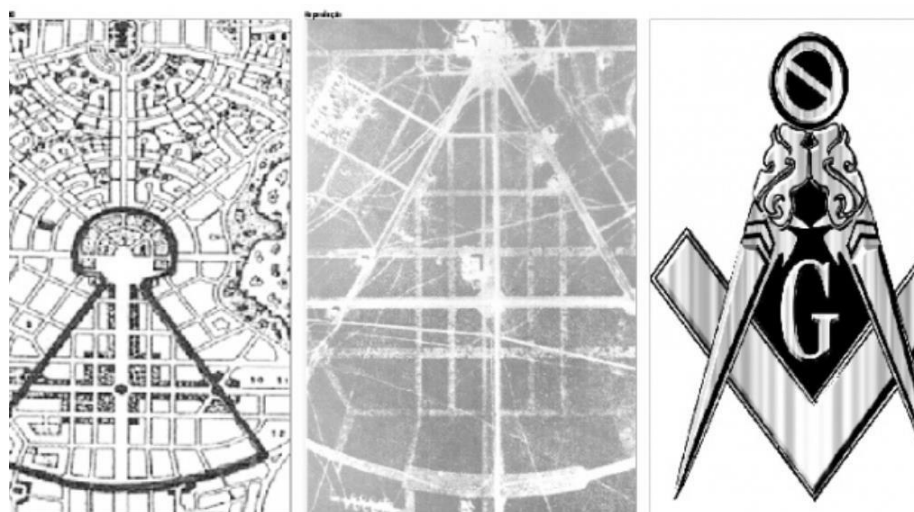


Fonte: Jornal O Popular.

Segundo Fernandes (2014) em matéria para o jornal opção existe uma outra possibilidade menos católica para a construção da arquitetura da praça cívica de Goiânia, ao

contrário do que se pensava a junção das três avenidas não seria o manto de nossa senhora e sim, um compasso e um esquadro. Símbolo da maçonaria, essa teoria ganha força ao lembrarmos que Pedro Ludovico o interventor do estado na cidade de Goiânia era Maçon segundo Fernandes (2014) iniciado na Loja Luz e caridade de Uberlândia, Minas Gerais. E diversos monumentos na cidade de Goiânia possuem alusão a Maçonaria como o Monumento das três raças na Praça cívica, Museu Zoroastro Artiaga se aproximando com uma zigurate suméria.

Figura 3 - Esquadro Maçom



Fonte: Jornal Opção.

A partir do manto histórico e do caráter místico/ religioso da escolha, construção e vivência na cidade de Goiânia, surge a necessidade de se pensar sua possibilidade como uma prospeção para o turismo macabro no estado de Goiás. Nessa pesquisa serão levantadas as principais lendas urbanas que permeiam a capital goianiense e com estes dados serão analisadas as lendas e suas localizações, para que assim, possamos pensar uma viabilidade para que a cidade possa aplicar em seu leque de possibilidades uma nova forma de turismo, e para além, a coleta e seleção dessas lendas será uma estratégia aplicada para que exista uma preservação dessas narrativas, manter um registro, mesmo que de forma acadêmica facilitaria manter viva a história da região.

As lendas urbanas por abordarem temas sensíveis como morte, sofrimento, dor e criminalidade podem ser consideradas dentro dos estudos de memória, uma memória subterrânea, Michel Pollak (1992) aplica este conceito em relações de crimes e guerras, mas o mesmo autor nos apresenta a memória como uma construção da coletividade que se mescla

com a relação entre o presente e a herança do passado. Sendo assim, as lendas urbanas, assim como sua versão interiorana, o folclore, se alimentam da experiência da comunidade na qual ela inserida, contudo, deve se considerar que o nosso local de pesquisa, Goiânia possui 643 bairros e 1.437,366 pessoas, as experiências coletivas que criam as memórias apontadas por Pollak podem ser vistas como comunidades menores, as experiências de vida em bairros de regiões diferentes podem ser distintas, o que uniria as memórias seria o centro comercial da cidade, local onde a circulação de pessoas se estende. O que pode tornar as lendas urbanas de Goiânia, notáveis? O que teria de único uma vez que as lendas possuem diversificações e ramificações a partir de sua própria estrutura de definição conforme identificado por Cascudo (2006) que versa sobre essa característica de se redefinir como uma narrativa que pode ser mutável.

É complexo pensarmos nas lendas urbanas de forma unisom, pois suas histórias são ao mesmo tempo que únicas em essência, porém possuem características generalistas, como exemplo podemos citar a *Blood Mary*, ou maria sangrenta, em sua lenda o espírito de uma garota pode ser invocado em um banheiro seguindo uma série de ritos, mas o principal é que seu nome: *Blood Mary*, deva ser chamado três vezes na frente do espelho. Esta é a característica principal dessa narrativa, contudo existem diversas variações acrescentando outros fragmentos, para alguns, deve-se dar descarga três vezes no vaso sanitário antes de chamar a entidade, em outras versões é necessário bater na porta do banheiro três vezes antes de falar o nome da entidade.

Todas essas características trazem a lenda um encanto sobre a narrativa, aqui podemos verificar que acrescentar pontos a lenda não a desqualifica, mas a torna mais oralmente interessante. A localidade de onde a história é contada é extremamente importante para que a lenda seja relacionada, e esse é o ponto em que podemos pensar o impacto das lendas urbanas de Goiânia. As histórias que serão relatadas ao longo da pesquisa envolvem-se diretamente com a cartografia da cidade, as ruas, praças e avenidas ou seja, podemos afirmar que estas lendas em seu cerne jamais existiram se não fizessem parte da localidade escolhida. Outro exemplo sobre lenda e região seria a lenda das pepitas de ouro da cidade de Goiás. Acredita-se que como a cidade de Goiás estava na rota do transporte do ouro, entre as pedras das paredes da cidade existem pepitas de ouro escondidas. A arquitetura típica com pedras uniformes permitiria a possibilidade de uma veracidade na narrativa, além do fato em que a cidade se encontrava verdadeiramente na antiga rota do ouro. A ligação entre um espaço geográfico e uma narrativa oralizada cria um fenômeno de personalização da história, aquele que conta, o narrador cria

uma sensação de pertencimento e aproximação por parte do ouvinte ao conseguir visualizar a história contada e o ouvinte pode se permitir conhecer ou reconhecer a partir da lenda contada, a cidade por uma nova ótica.

1.2 Referencial teórico: vozes do além

Neste capítulo iremos beber das fontes dos estudos patrimoniais, utilizando de três categorias: Patrimônio imaterial, patrimônio cultural e patrimônio sombrio, com o objetivo de realizar uma correlação entre essas três classificações dos estudos patrimoniais contextualizando com a temática da pesquisa: Lendas urbanas. Para realizar essa ligação utilizaremos o conceito de guarda-chuva para correlacionar as tipologias de patrimônio. Sendo ela: Patrimônio imaterial > Patrimônio cultural > Patrimônio sombrio.

1.2.1 Patrimônio imaterial

Para Tunbridge e Ashworth (1996. p.1) a palavra patrimônio, até há pouco tempo, tinha um significado simples, patrimônio era ligado à ideia de herança de um indivíduo que faleceu. Entretanto, com o passar dos anos a palavra recebeu ressignificações. Atualmente ela pode ser usada para relíquias ou objetos museológicos, como um aspecto do passado de uma memória nacional, por exemplo: eu me lembro, no passado de x coisa, um patrimônio brasileiro.

O campo de estudo patrimonial, é um espaço de embates, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) iniciou seu objetivo de promover em todo o território nacional, de forma permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento, e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 1937, art. 46).

Em 4 de agosto de 2000 foi aprovado o decreto 3.551 que instituiu o Patrimônio Imaterial. Esse decreto foi capaz abrir uma discussão que há muito havia sido levantada, pois antes deste marco, segundo Abreu e Chagas (2009), o panorama vigente focava em bens de pedra e cal como igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos. Trazer para a discussão bens de natureza imaterial e cultural abriu-se um leque de acervo diversificado, incluindo lendas, mitos, festas, rituais e saberes e outros. Ao abranger a possibilidade do que se pode ser considerado patrimônio, em específico a sua imaterialidade, iniciou-se uma corrida

para que fosse descrito e o que seria, dentre esta nova possibilidade o patrimônio imaterial que melhor representasse o povo brasileiro, a brasilidade, é necessário compreender que o contexto histórico da época [avanço do domínio militar dentro do espectro político] influenciava nessa discussão.

Segundo Abreu e Chagas (2009, p. 62):

A constituição federal de 1988 (2003), em seu artigo 216 entende como patrimônio cultural Brasileiro: formas de expressão. Os modos de criar, fazer e viver. As criações científicas, artísticas e tecnológicas. As obras, objetos, documentos e edificações. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Dentro dessa visão, podemos considerar que as características que elencam o que é patrimônio dentro da legislação é fechada e imutável, entretanto para Marcel Mauss (1974, p. 205) recomendava aos antropólogos em relação a formação de conceitos patrimoniais:

[...] antes de tudo, formar o maior catálogo possível de categorias; é preciso partir de todas aquelas as quais é possível saber que os homens se serviram. Ver-se-á então que ainda existem muitas luas mortas, ou pálidas, ou obscuras no firmamento da razão.

A recomendação tem como objetivo solicitar que as possibilidades de patrimônio venham a ser repensadas, para que além de se criar categorias que recebam e representem os patrimônios, partir de uma visão antropológica de o que é considerado um patrimônio por meio das diversas culturas, respeita os caminhos pelos quais os povos passaram e aquilo do qual eles se apoderaram como um pedaço de si. Trazendo para a mesa, a reflexão de um verdadeiro patrimônio que possa ser imaterial, cultural e social.

A necessidade de se pensar e estabelecer parâmetros do que é um patrimônio imaterial impacta diretamente na sociedade, influenciando sobre o que “merece” ou não ser considerado parte importante do Brasil, um exemplo do que foi levantado como possibilidade para patrimonialização seria o rendado, seu modo de fazer, assim como a viola de cocho do Mato Grosso, esta discussão abrange diversas esferas e deve considerar impactos como manutenção, preservação e restauração de bens.

Segundo Abreu e Chagas (2009) a palavra patrimônio tem como origem etimológica a ideia de herança paterna. E a partir dessa conceituação foi se desdobrando por meio da visão jurídica o conceito de patrimônio, um complexo de bens materiais ou não materiais que possam ser perpassados. Para Britto (2014) quando falamos em patrimônio, direta ou indiretamente

retornamos ao passado, não por acaso o termo *heritage* do inglês possui o significado explícito sobre herança conforme dito por Abreu e Chagas. Em culturas diferentes o propósito do patrimônio é diferente, segundo os autores Abreu e Chagas (2009, p. 66): “É necessário pensar na produção de patrimônios culturais não apenas como a seleção de edificações, sítios e obras de arte que passam a ter proteção especial do estado, mas como narrativas.” Dentro dessa visão do autor, é dissonante a voz sobre o patrimônio imaterial que em contrapartida do patrimônio material, tem como uma de suas características o poder de ser mutável, o patrimônio imaterial precisa seguir a evolução da sua comunidade, uma tradição que pode ser alterada conforme os detentores do saber sinta a necessidade, assim como o patrimônio imaterial não necessariamente se afasta do patrimônio material, ou de pedra e cal, ambos podem caminhar juntos, como por exemplo, uma procissão, o rito em si é imaterial, mas a capela na qual possui arquitetura única ou específica é material.

Contudo, ao voltarmos o olhar ao patrimônio imaterial, é de suma importância entender que a sua conservação não é sobre preservar sua matéria, mas registrar sua essência – seu significado e sua vivência dentro da sociedade - e esse objetivo só poderá ser alcançado por meio de políticas públicas eficazes, que envolvam parcerias com órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) além de outras iniciativas que busquem a valorização do bem cultural. No entanto pensar em sua preservação e conservação é uma temática que deve levantar inúmeros questionamentos, uma vez que a sociedade é mutável assim como os costumes e aqueles que os praticam, cabe além dos órgãos responsáveis, os pesquisadores do campo do patrimônio e os detentores dos saberes dialogarem, tradições surgem e morrem e isto é parte do cerne dos estudos patrimoniais.

Segundo Chuva:

Nos anos 30, Mário de Andrade encarnou o papel de agente do poder público para a promoção da cultura brasileira, lançando tanto as bases para a ação do Estado na preservação do patrimônio artístico no Brasil, quanto para o conhecimento do folclore brasileiro, - que denominava também de cultura popular, [...] a criação, em 1947, da Comissão Nacional do Folclore, e para a formulação de suas concepções de arte, cultura e patrimônio, que fundamentariam o anteprojeto para a criação do SPHAN. CHUVA, 2012. p. 150)

Antes de se pensar na concepção do SPHAN, Mário de Andrade já previa a inclusão do patrimônio imaterial como um dos bens culturais nacionais, e previamente os interligava como patrimônios culturais brasileiros na busca de uma identidade nacional, incluindo entre as

possibilidades de bens, o folclore criando uma comissão para que fosse possível salvaguardar essa memória popular.

1.2.2 Patrimônio Cultural

Para além do patrimônio imaterial é necessário pensar para a realização dessa pesquisa, as lendas como patrimônio cultural. Segundo Chuva (2012, p. 164):

Estabelecer novos paradigmas para a preservação do patrimônio cultural, enfrentando verdadeiramente a construção de uma noção de patrimônio cultural integral, exigiria que as pistas aqui apontadas, por vezes provocadoras, sejam consideradas e problematizadas, estimulando a investigações de maior fôlego sobre a política cultural brasileira e o superlativo dimensionamento do campo do campo do patrimônio cultural nos dias de hoje, tornando lugar estratégico nas políticas de estado. A perspectiva histórica é um dos caminhos para esse exercício.

É necessário iniciar a discussão por suas dificuldades em ser pensado o patrimônio cultural, como dito por Chuva, a preservação do patrimônio cultural enfrenta dificuldades que perpassam o seu início, a noção do que é um patrimônio cultural. A discussão acerca da temática do patrimônio cultural, segundo Chuva (2012) se iniciou em 1980, publicada pela SPHAN com o nome Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória. O trabalho publicado era um apanhado das ações de preservação do governador Luís Pereira Freire de Andrade no século XVIII sobre as construções dos holandeses em Recife, a partir deste artigo, os olhos da elite que regia o campo patrimonial, se viraram para a possibilidade de uma nova perspectiva, o patrimônio imaterial. Além do SPHAN que posteriormente se tornou IPHAN em 1930 foi criada a CNF ambos os órgãos compactuam com o objetivo preservar o patrimônio brasileiro.

Um dos precursores do estudo sobre patrimônio cultural no Brasil foi Mário de Andrade que com sua pesquisa abriu as portas para que questões começassem a ser elaboradas, para Chuva (2012) Mário de Andrade representava por intermédio de sua carreira um marco para a análise do patrimônio cultural, independentemente se o mesmo se tratava de um patrimônio material ou imaterial. A partir do movimento e nova visão de estudo patrimonial iniciado por Mário de Andrade, se expandiu as pesquisas e possibilidades de classificação sobre patrimônio no Brasil.

Segundo Chuva (2020) a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial advém das discussões realizadas a partir do protagonismo da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) em encabeçar a discussão. Dialogar e questionar o

patrimônio cultural é pensar por intervenção dos estudos de cultura, questionar o que é cultura não deve ser o ponto de partida, é necessário que seja realizada uma inversão de papéis a pergunta correta talvez seja levantar o por que alguma expressão não poderia ser considerada cultura. Observado dessa ótica podemos pensar em um patrimônio cultural decolonial e que inclui expressões culturais diante da visão nacional, trazendo para a mesa questões como recorte de raça. Dentro do escopo desta pesquisa analisaremos as ideias de patrimônio como um modelo de guarda-chuva, sendo patrimônio imaterial o topo que se liga com patrimônio cultural e abaixo o patrimônio sombrio.

A necessidade de se agrupar essas tipologias de patrimônio ao formato de guarda-chuva ocorre devido ao fato que, apesar dos três tipos de estudos patrimoniais serem autônomos em suas áreas, não necessitando de uma correlação comum, para este estudo foi perceptível que estudar lendas urbanas abre um leque de possibilidades que se complementam e elas são primeiramente um patrimônio imaterial, pois as narrativas possuem sua tradição oralizada e apesar de possuírem locais em que ocorrem, esses espaços não são considerados o patrimônio, pois nem sempre a lenda será relatada na mesma localidade, logo, é excluída a possibilidade de agrupar essas histórias como patrimônios materiais e para além dessa questão, as lendas são mutáveis por intermédio do tempo e de quem as conta, sendo assim, um patrimônio imaterial.

Quanto ao patrimônio cultural, as lendas tanto a folclórica quanto a urbana são produtos da vivência e das relações entre as pessoas e o ambiente em que vivem, elas carregam a cultura popular e são representações da visão das pessoas da época e da região sobre determinados fenômenos, desde uma explicação para o leite que azedou no curral da fazenda a uma explicação para uma morte violenta. Santos (1996) nos diz que a cultura popular deve ser encarada como um universo de saber em si, uma realidade que não depende do externo. Ou seja, as lendas e folclores não dependem de uma interpretação externa, elas fazem parte da cultura de uma comunidade.

Em 1848 William John Thoms, etnólogo inglês se posicionou em defesa do estudo folclórico. Em uma carta a revista *Atheneum* descreveu o termo folk-lore como saber tradicional do povo, antes era descrito como antiguidades populares. E desde então os estudos folclóricos foram ligados diretamente à cultura e a grupos populares.

Sobre o patrimônio sombrio, o mesmo se encontra abaixo na figura pois, ao contrário do patrimônio imaterial e cultural, que ambos podem facilmente se relacionar, o patrimônio

sombrio tende a ser uma classificação solitária por adentrar a um campo doloroso, ele absorve de áreas consideradas tabu na sociedade, incluindo: guerras, holocausto, morte e instalações de saúde mental. São áreas que entram no debate do esquecimento e da memória, o que faz com que essa classificação fique em um terreno cinzento dentro dos estudos de patrimônio. Para esta pesquisa, as lendas urbanas bebem da fonte do patrimônio sombrio a partir do momento em que as narrativas - ao contrário das histórias folclóricas - atingem situações de cunho funesto e agourento, fazendo ligações com crimes, chacinas e torturas.

1.2.3 Patrimônio sombrio

Cristina Meneguello (2020) define patrimônios difíceis como: patrimônios difíceis, também conhecidos como sombrios, marginais ou da dor remetem a locais de intrincada fruição e estão associados ao sofrimento, à exceção, ao encarceramento, à segregação, à punição e à morte. Os locais associados aos patrimônios da dor, podem ser ligados a tradições de peregrinação como uma forma de solicitar direitos ou reparação histórica e social e devido a essa especificidade gerar um movimento fluído de pessoas, o turismo precisou de adaptar essa nova demanda criando o *Dark* turismo, segundo Foley e Lenon (1996, p 1)

O turismo sombrio está posicionado na encruzilhada da história recente de atos desumanos e da representação desses atos nos meios de comunicação, como notícias e filmes. As interpretações desses eventos e seu desenvolvimento ou exploração comercial são centrais para a consideração dessa área. (FOLEY; LENON, 1996, p.1)

A identificação e classificação desta tipologia de patrimônio, foi primordial para que se começasse a reconhecer a relevância desses espaços para as comunidades que os vivenciam e para o reforço da memória coletiva sobre a ótica da dor.

Os patrimônios da dor, estão relacionados diretamente com a memória social, são patrimônios que vivem sobre o muro da lembrança e do esquecimento, de um lado, existem pessoas que acreditam que o melhor seja esquecer, passar por cima da dor e do sofrimento para seguirmos para um futuro melhor. Entretanto, do outro lado do muro, existem aqueles que acreditam que não é possível esquecer a barbárie e que ela deve ser lembrada todos os dias para que jamais possamos repetir esse caminho doloroso da história da humanidade, um exemplo é o texto Educação após Auschwitz de Theodor, Adorno (2003), o texto repete incessantemente que devemos lembrar o que aconteceu em Auschwitz para que assim, nunca mais os horrores

que aconteceram naqueles campos, se repitam. Os espaços de dor se estendem além do holocausto, o sofrimento humano tende a se diversificar e para que este tipo de patrimônio possa ser estudado foi necessário se partir de uma ideia classificatória.

Logan e Reeves (2017 p.15) dividem os lugares de dor em quatro etapas:

Sítios de massacre e genocídio.

Locais de internamento em períodos de guerra.

Prisões políticas e civis

Lugares de internação benevolente.

Entretanto, dividir os momentos de dor e sofrimento em quatro categorias não contemplam todos os modos em que a dor pode ser ressignificada como patrimônio, uma possibilidade é atribuir ao patrimônio sombrio, lendas urbanas, sendo os espaços físicos, classificados como espaços de dor como propostos por Logan e Reeves, a categoria se firma no pressuposto, pois se utiliza do subterfúgio do imaginário para lidar com os horrores da vida cosmopolita. Britto e Rosa (2020 p. 526) nos relata que o imaginário se torna um bem, e assim, uma extensão moral e simbólica dos viventes. É possível pensar em outras formas de dor, que não são classificadas pelos autores, mas não iremos nos aprofundar sobre as nuances de possibilidades que o sofrimento pode atingir, entretanto, quando abordamos a temática dos patrimônios difíceis, existe uma abertura de possibilidades em que essa tipologia pode atingir.

Segundo Meneguello e Pistoretto (2021.p.5) apesar do patrimônio difícil ser uma categoria, existem diversos patrimônios que podem ser agrupados dentro desta categoria, como patrimônio industrial, devido a memória do trabalho, patrimônio prisional, funerário, da saúde (hospitais, manicômios, leprosários) e de grupos socialmente perseguidos como o patrimônio LGBTQIA+.

Pensar em patrimônio sombrio é considerar o sofrimento, seja ele independente do modo, social, psicológico, físico como parte da memória que precisa ser mantida para que as vítimas possam se sentir lembradas. O patrimônio sombrio não apenas se entrelaça no conceito da dor, mas em sua relação com o sofrimento e com a morte pós-moderna. Existe uma diferença para a morte pré e pós-moderna? A morte em si, como um fator natural da existência, como

uma antítese da vida não muda, entretanto, o modo com que a sociedade evoluiu modificou a relação entre a morte.

Ariés (1978) nos explica em seu livro história da morte no ocidente que apesar da morte ser um fenômeno eterno -Sempre existiu- o modo com que as pessoas em diferentes períodos da história lidam com esse fatídico momento se difere. Para comparação, Ariés (1978, p.141) exemplifica que na idade média na Europa, a morte era tão comum, que as pessoas apenas a viam como parte da vida e não a temiam. No século XIV iniciou uma romantização no modo em que a morte era retratada nas pinturas, a colocando de forma romântica e erotizada como nos quadros de Tanátos o deus da morte. Segundo Souza (2020 p.5) a preocupação com os mortos esteve presente desde que o ser humano passou a viver em sociedade. Neste sentido, toda cidade é também uma necrópole. Considerando a aderência do manto da morte sobre a cidade, é necessário considerar a impotência da morte sobre o fluxo da urbanização, a relação com que a metrópole constitui com o ato final da vida é diferente da relação que os moradores de cidades pequenas ou interioranas possuem.

Quando pensamos na “midialização” da morte, com programas sensacionalistas que vendem tragédias, é possível perceber uma dessensibilização social sobre o fenômeno da tragédia e da morte. Castels (2007, p. 547) versa que existe uma tendência na sociedade em apagar a morte ou torná-la inexpressiva utilizando da mídia como ferramenta, a repetindo incessantemente. Este fenômeno já foi recorrente na história da humanidade, não necessariamente a utilização de mídias como ferramenta para essa atitude, mas a dessensibilização sobre a morte. Ariés (1978) relata que durante a idade média na europa a morte era vista de uma forma mais banal, devido a quantidade massiva de mortos que eram acometidos por doenças, guerras e outros. Reviver a experiência todos os dias, torna a realidade menos dolorosa ou nós apenas nos acostumamos com o sofrimento e passamos a ignorar?

O objetivo principal não é discutirmos o poder de manipulação midiático, contudo, é necessário ressaltar essa figura social para auxiliar na compreensão de como a morte tem caminhado lado a lado dentro da estrutura cidade.

1.3 Métodos

O objetivo geral da pesquisa é realizar um levantamento das lendas urbanas de Goiânia pensando colaborar na sua preservação para a posteridade, sua divulgação em âmbito regional e nacional trazendo visibilidade para a cidade de Goiânia e estimulando a busca pelas narrativas que envolvem o patrimônio - imaterial e material - da cidade. E assim, abrir espaço para possíveis intervenções na área de turismo sombrio na cidade. O autor pretende mapear a cidade de Goiânia, interligando os pontos onde as lendas urbanas se passam. Para atingir o objetivo geral, será necessário realizar a aplicação de questionários abertos, realizar levantamentos da literatura sobre lendas e folclore para embasar a pesquisa utilizando a metodologia de referencial bibliográfico ancorada nos estudos patrimoniais com enfoque em patrimônio imaterial. Para tal, utilizaremos dos buscadores: Lenda urbana, Folclore, Goiânia. Os mesmos serão aplicados nas bases Portal de periódicos da Capes e Google acadêmico.

A pesquisa utilizará a metodologia etnografia da duração. Segundo Rocha e Eckert (2013 p.23) “a etnografia da duração busca pensar o patrimônio etnográfico de cidades as transformando em um espaço afetivo e poético, um lugar de luta de seus habitantes contra o tempo.”

A aplicação desta metodologia surge da necessidade de encontramos um modo de pensar a cidade sobre o olhar das narrativas, fazendo o caminho das histórias para a realidade.

Vemos lendas urbanas como parte do patrimônio imaterial e cultural, e sendo assim, parte da cultura do povo Goiano, são necessários resinificação e a preservação/divulgação dessa cultura. As lendas urbanas de Goiânia tendem a ser conhecidas de forma oralizada, assim, como o folclore nas zonas rurais, entretanto, existem poucos relatos escritos sobre a temática, trazer as narrativas para o âmbito acadêmico pretende-se reestruturar as narrativas e as consolidarem de forma mais acessível e de maior dispersão. Para Rocha e Eckert (2013 p.22):

os habitantes de uma grande metrópole aos confins das experiências nela vividas, que ultrapassam até mesmo suas referências históricas e geográficas mais ontológicas [...] o etnográfico em seu ofício de olhar (observar), escutar e descrever ações e narrativas, sendo estas, chave interpretativa fundamental dos territórios da vida urbana.

Segundo Frisson, Streck, (1999, p. 105) “A narração é uma forma de reafirmar a existência de um fato passado. Recordar conteúdos da memória, reconhecer a nós mesmos, diante das transformações vividas com a passagem do tempo” A pesquisa etnográfica tem como

característica o contato com um povo, trazer da memória fatos do passado para o presente, como um arqueólogo que busca nas paredes das cavernas pinturas que nos contam as histórias do passado, para melhor entendermos o presente. Para realização da pesquisa é necessário ir em contato com a população que vivenciou os casos, ou que possui contato com os locais onde as lendas se passam. Para Geertz (1978 p.34) é importante para o estudo etnográfico que o pesquisador esteja não apenas debruçado sobre o seu objeto de pesquisa, mas com o seu objeto de pesquisa, que compreenda o que é mais importante para o seu imaginário.

Como instrumento para a realização da pesquisa serão utilizados questionários, aplicados de forma física de caráter misto, os questionários serão arquivados e digitalizados, armazenados em um HD por cinco anos, após esse período os exemplares físicos serão descartados e os digitais excluídos. O público-alvo da pesquisa:

seguranças, que trabalham nos prédios comerciais e os moradores das habitações onde as lendas se passam. As perguntas do questionário abordaram o conhecimento dos participantes sobre a lenda do local e a vivência sobre a história. Como identificação utilizaremos apenas títulos e números para que não haja identificação nominal na pesquisa buscando resguardar aqueles que aceitaram responder o questionário. Segundo Gil (2012 p.122) O questionário possui algumas vantagens, dentre elas, a sua possibilidade de atingir um grande número de pessoas, menores gastos com pessoal relacionado a treinamentos de aplicação, garante o anonimato dos participantes e não expõe os pesquisados à influência do pesquisador. A natureza da pesquisa se dá por meio do método qualitativo, o buscaremos compreender a vivência das pessoas sobre os fatos e seu conhecimento tácito acerca do espaço em que convive, é do cerne da pesquisa analisar de forma qualitativa o seu saber e assim como, a sua relação com a narrativa que o cerca. A abordagem qualitativa nos guiará para conjecturar o relato e a afetividade do participante com o patrimônio pesquisado.

As reflexões acerca da população pesquisada (os goianos) partirão de uma abordagem culturalista, trazendo a visão de autores como Stuart Hall para pensar a população e sua visão sobre o próprio patrimônio imaterial que a cerca, seu espaço de pertencimento assim como sua compreensão do que é cultura para si, e modo como Goiânia pode ser vista como um local de patrimônios culturais e imateriais que fazem parte do ser goiano será de suma importância para a pesquisa. Compreender via questionário qual a importância de se estar em contato com um espaço no qual existem lendas e narrativas. Segundo Hall (2003), uma consequência da globalização é criar um ser humano pós-moderno que mistura referências culturais e que pode

vir a se perder de suas raízes. Beber nas fontes culturalistas trará uma visão social da cultura e da relação lugar e pessoa dos participantes criando reflexões sobre o ser goiano que apesar do seu contato com as influências externas, pode-se manter em contato com a sua cultura.

1.3.1 Etapas e questionário

A pesquisa se divide em etapas, sendo elas:

O levantamento das lendas por meio de bases de dados, pesquisas no Google e no arquivo central de Goiânia, utilizando uma tabela de temporalidade entre 1940 e 2010.

O questionário, conforme o tópico anterior, tem como objetivo compreender a relação das pessoas que convivem com os locais em que as lendas urbanas perpassam.

As perguntas a serem feitas no questionário deverão atender as seguintes ideias norteadoras:

- Identificação do participante (vínculo com o local [segurança, morador etc] idade, gênero);
- Período que reside na cidade de Goiânia;
- Conhecimento sobre o local;
- Conhecimento sobre a lenda;
- Impacto de conviver em um local de lenda urbana.

Destaca-se ainda que o modelo do questionário a ser aplicado junto aos participantes encontra-se no apêndice da pesquisa.

Os questionários foram realizados com participantes de ambos os gêneros, maiores de 18 anos, residentes da cidade de Goiânia – GO e que tenham contato com o local onde é relatado lendas urbanas por intermédio de pesquisa prévia.

Os questionários serão aplicados de forma presencial.

Em prédios comerciais e residenciais: Os seguranças e moradores serão abordados fora do local. Entrada do prédio e da residência de modo a não gerar vínculo pesquisador/instituição. O pesquisador não adentra a instituição ou a residência.

O pesquisador irá até o local da lenda (Porta de casa ou fachada de prédios), apresentará a pesquisa e entregará ao participante o questionário e o termo de consentimento, após vinte minutos o pesquisador retornará para recolher os questionários preenchidos de forma anônima, ou seja, sem a necessidade de identificação do participante, sendo necessário apenas informações pessoais a respeito de: gênero, idade e vínculo com o local. O questionário contará com página inicial de apresentação na qual constará todas as informações necessárias sobre a pesquisa, conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, de forma clara e objetiva. Ao início o participante receberá dois questionários, um irá ficar com ele e o outro, preenchido com o pesquisador. Ao final da pesquisa os questionários serão digitalizados e arquivados em um HD, após cinco anos o material físico será descartado de forma anônima e o digital será deletado.

1.3.2 Critérios de inclusão e de exclusão

Os itens 1.3.2 ao item 1.3.5 envolvem questões relacionadas ao comitê de ética, todas as informações contidas nesses itens foram previamente submetidas e aprovadas na Plataforma Brasil.

Os questionários serão realizados com pessoas de ambos os gêneros, maiores de 18 anos, que estejam em contato com locais onde ocorram lendas urbanas em Goiânia-Go, sejam como moradores ou trabalhadores. Não poderão participar das entrevistas pessoas que não atendam a tais critérios. Não utilizaremos escolas pois a temática pode ser inapropriada ou vista com preconceito para o ambiente escolar.

1.3.3 Tamanho da Amostra

Para os questionários, o número aproximado de participantes foi de 20 pessoas. Essa amostra dependerá da adesão de participantes para responder os questionários de forma presencial, podendo ter um número maior ou menor de participantes. A escolha da seleção para o quantitativo de participantes surge da necessidade de um local de partida, sendo ele, o local

das lendas, e considerando as delimitações burocráticas do comitê de ética, para aprovação da pesquisa foi necessário se adequar ao formato do comitê.

1.3.4 Riscos ao participante e providências para minimizá-los

Por se tratar de uma pesquisa de caráter cultural, na qual o objeto de pesquisa principal é o conhecimento das pessoas que irão responder ao questionário em relação ao espaço urbano, entende-se que os riscos envolvidos são mínimos, porém não podem ser desconsiderados. Esses riscos, embora relativamente baixos, podem se manifestar de diversas formas, principalmente no que diz respeito à privacidade dos participantes e à interpretação das respostas fornecidas.

- Cansaço ou aborrecimento ao responder questionários;
- Prejuízo de tempo para o indivíduo ao responder o questionário ou participar da entrevista;
- Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante a resposta ao questionário;
- Variações de ansiedade provocadas pela evocação de memórias.

Compreendendo a possibilidade de que a pesquisa possa acarretar tais riscos, mesmo que de forma involuntária e não intencional, e no intuito de minimizá-los, se estabelecem as seguintes providências mitigadoras:

- Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos;
- Liberdade para não responder questões que possam ser constrangedoras ao participante nos questionários;
- Garantir que os pesquisadores sejam habilitados ao método de coleta dos dados;
- Garantir atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto e ansiedade do participante;
- Garantir a não violação e a integridade dos documentos
- Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos participantes;

- Garantir que os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização;
- Assumir a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

1.3.5 Benefícios ao participante

Entende-se que, por se tratar de uma pesquisa de natureza subjetiva, cujo objeto de estudo são as narrativas e lendas que permeiam o imaginário popular, não haverá nenhum benefício direto e imediato para os participantes dos questionários, uma vez que o foco principal está na coleta e análise das histórias compartilhadas. Contudo, ao contribuir com suas experiências e conhecimentos, os participantes estarão, indiretamente, auxiliando no desenvolvimento de um campo de estudo que, futuramente, poderá gerar benefícios à comunidade local. A pesquisa busca identificar e registrar as narrativas associadas a determinados espaços, e, ao fazer isso, pode abrir possibilidades para que tais locais se tornem pontos de interesse turístico, especialmente no segmento de turismo macabro, que tem ganhado destaque em diversas partes do mundo. Este tipo de turismo, por sua vez, pode trazer benefícios econômicos para os proprietários das localidades mencionadas nas histórias, gerando novas fontes de renda e promovendo o crescimento econômico da cidade. Além disso, o estudo pode contribuir para a valorização da cultura local, reforçando a identidade da região e incentivando a preservação de suas tradições orais e históricas. Assim, ainda que os participantes não vejam resultados imediatos, sua colaboração pode ter um impacto positivo e duradouro no desenvolvimento econômico e cultural da comunidade.

2 QUESTIONANDO AS VOZES

É essencial para a realização dessa pesquisa, um aprofundamento sobre as histórias e narrativas da região de Goiânia, contudo uma barreira para a realização dessa pesquisa é o tema que como característica, não se propaga de forma escrita. Para a coleta dessas lendas foi necessário utilizar fontes diversificadas para conseguir levantar as narrativas. Dentre as fontes de pesquisa foram utilizados livros, artigos científicos, *posts* de jornais regionais, e arquivos de jornais antigos.

Como forma de organizar essas narrativas, para melhor visualização sobre a temática, foi elaborada uma tabela com as histórias e a frequência na qual essas histórias são citadas, assim como, de forma resumida, a lenda citada. Os campos de interesse são: Lenda, História, entidade e fontes. Nesta primeira planilha traremos um retrato da história relatada através de fontes, estas se encontram no quarto quadro da planilha. A proposta aqui é apresentar um pouco sobre as lendas urbanas de Goiânia.

Tabela 1 - Lendas Urbanas de Goiânia

Lenda	História	Entidade	Fontes
Martin Cererê	Pessoas eram torturadas nas caixas d'água na época da ditadura, atualmente se escuta barulhos de fantasmas.	Fantasmas.	Diário da Manhã. Jornal Daqui. Mais Goiás. Curta Mais.
Teatro Goiânia	Fantasmas de pessoas que trabalhavam no local, e túneis que ligam ao palácio das esmeraldas.	Fantasmas e Túnel secreto.	Diário da Manhã. Mais Goiás.
Cemitério Santana	Relatos de pessoas	Caroneiros	Diário da Manhã.
	que viram na porta do cemitério, fantasma de um homem, às vezes mulher, às vezes criança pedindo carona.	Fantasma.	Jornal Daqui. Curta Mais.
Parthenon Center	Vozes e fantasmas de	Fantasma no local.	Diário da Manhã. Jornal Daqui.

	<p>peessoas que se mataram no local.</p>		<p>Mais Goiás. Curta Mais.</p>
<p>Instituto de Educação-IEG</p>	<p>Fantasma de três irmãs que morreram no local, e uma freira que morreu na piscina da instituição.</p>	<p>Fantasma de três irmãs e uma freira.</p>	<p>Jornal Daqui. Curta Mais;</p>
<p>Centro Interdisciplinar de estudos Enrique Pichon-Riviére</p>	<p>Um ex-funcionária dizia que amava tanto o local, que mesmo depois de morta continuarei trabalhando, relatos de aparição de fantasma da ex-funcionária.</p>	<p>Fantasma da ex-funcionária do local.</p>	<p>Jornal Daqui.</p>
<p>Assassinato da rua 74</p>	<p>Ocorreu um assassinato de uma família na casa, e o que se acredita é que os fantasmas das vítimas ainda estão no local.</p>	<p>Fantasmas de vítima de assassinato permanecem no local.</p>	<p>Mais Goiás. Curta Mais.</p>
<p>Colégio Santa Clara</p>	<p>A torre do sino da capela é mal assombrado, salas proibidas com uma energia negativa, quadro que pisca para os alunos, freira morreu na piscina</p>	<p>Fantasma de freira, quadro que se move, e piscina mal assombrada.</p>	<p>Curta Mais.</p>

	do colégio e por isso as águas do local se movem sem explicação.		
Casa na rua 228	Casa mal assombrada onde objetos são arremessados pela casa, e ninguém consegue morar no local.	Casa mal assombrada.	Curta mais. Acervo sobrenatural.
Hospital Areião	Hospital mal assombrado onde portas se abrem e se trancam sozinhas.	Hospital mal assombrado.	Curta Mais.
Faculdade de história UFG	Fantasma de antigo professor da universidade aparece no prédio de história	Fantasma do Padre Palacin, historiador de Goiás.	Curta Mais.
Tribunal de Justiça	Elevadores se movem sozinhos no prédio e passos nas escadas são ouvidos sem possuir nenhuma pessoa no local.	Fantasma no prédio.	Curta Mais.
Colégio Gonçalves Ledo	O colégio fica ao lado do cemitério Jardim das Palmeiras, os alunos que pularam o muro para matar aula, não voltam ou	Desaparecimento de alunos, e alunos traumatizados.	Curta Mais.

	quando voltam não contam o que viram no cemitério.		
Prédio Abandonado	Dentro do prédio abandonado é possível ver símbolos de rituais e movimentações estranhas.	Espaço utilizado para rituais e movimentações em um prédio abandonado.	Curta Mais.
Antigo Leite Gogó	Aparição de um fantasma de uma moça que foi atropelada em frente ao prédio.	Aparição de fantasma de uma moça, que foi atropelada em frente ao prédio.	Curta Mais.
Casa da rua 57	Aparição de uma entidade chamada Pitiba na casa, o fantasma de uma criança que lança objetos.	Aparição de um fantasma chamado Pitiba, uma criança.	Curta Mais.

Fonte: Autoria própria

Para melhor compreensão as lendas foram catalogadas pelas seguintes divisões: lenda, local, cidade e entidade. Após o levantamento foram encontradas trinta e duas lendas no estado de Goiás, contudo, como o escopo desta pesquisa é a cidade de Goiânia não iremos nos aprofundar nas lendas que não ocorrem na capital goiana. Das histórias coletadas apenas dezessete lendas se passam na capital, dentre elas, quatro se situam em escolas. As narrativas por estarem em sites públicos serão utilizadas como parte da pesquisa, entretanto devido ao tema obscuro e para não incluir caráter de personalidade as escolas ou aos profissionais que são vinculados a esse espaço, não serão aplicados questionários relacionados a estas quatro lendas.

Tabela 2 - Dados de lendas

Lenda	Local	Cidade	Entidade
1-Martin Cererê	Rua 94 –A-Setor sul. Goiânia - Goiás	Goiânia.	Fantasm as do período da ditadura militar.
2-Teatro Goiânia	R. 23, 252 - St. Central, Goiânia	Goiânia.	Fantasm as e túnel sem fim
3-Cemitério Santana	Avenida Independência, S/N, Quadra P89 - St. dos	Goiânia.	Caronei ro Fantasma
4-Partenon Center	R. 4, 515 - St. Central, Goiânia – GO	Goiânia.	Prédio amaldiçoado, suicídios
5-Instituto de Educação de Goiás(IEG)	Setor Leste Vila Nova, Av. Anhanguera, Q 71. Goiânia - GO	Goiânia.	Fantasm a
6-Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Enrique-pichon-Riviére(Cieg)	Setor Oeste, Goiânia- Goiás	Goiânia.	Fantasm a de antiga funcionária
7-Assassinato na rua 74	Rua 74, Setor Central. Goiânia- Goiás	Goiânia.	Casa mal assombrada, com gritos.
8-Túneis que ligam o palácio	Túneis subterrâneos que saem do Palácio das	Goiânia.	Túneis para fuga

	esmeraldas- Goiânia- Goiás		
9-Colégio Santa Clara	R. José Hermano, St. Campinas, Goiânia - Goiás	Goiânia.	Quadro que se movimenta, fantasma de freira que morreu afogada
10-Casa da rua 228	Setor Coimbra, Goiânia - Goiás	Goiânia.	Casa mal assombrada, com objetos voando
11-Hospital em frente ao parque Areião (Lucio Rabello)	St. Bela Vista, Goiânia	Goiânia.	Hospital mal assombrado.
12-Faculdade de história da Universidade Federal de Goiás	Chácaras de Recreio Samambaia, Goiânia – GO	Goiânia.	Fantasm a de antigo pesquisador.
13-Tribunal de Justiça de Goiânia	Setor Oeste - Goiânia - Goiás	Goiânia.	Elevado res se movendo e passos ouvidos
14-Colégio Gonçalves Ledo	St. Mal. Rondon, Goiânia - GO	Goiânia.	Ligação espiritual com o cemitério ao lado do colégio
15-Prédio abandonado da União	Rua 2, Setor Central, Goiânia - Goiás	Goiânia.	Ocupaç ão e símbolos de rituais dentro
16-Antiga fábrica Leite Gogó	Setor Fama, Goiânia - Goiás	Goiânia.	Avistam ento de mulher

			vestida de branco que pede carona
17-Casa na rua 57	Casa na rua 57, setor central, Goiânia- Goiás	Goiânia.	Espírito de uma criança chamada Pitíba.

Fonte: Autoria própria

Dentro das lendas levantadas, é possível mapear rotas sobre a cidade que servirão como proposta de caminho para o turismo macabro na cidade de Goiânia, levando entre os pontos citados na pesquisa e explicando suas histórias e narrativas. Sobre a localização das lendas, podemos perceber que seis das dezessete lendas se passam no setor central da capital, região em que a mobilidade urbana é de alto fluxo, a vivência das pessoas sobre o setor é fluída.

Sobre a localização das lendas podemos verificar que quatro lendas se relacionam com setores antigos da cidade como o setor Fama, Coimbra e Campinas, como relatado no item 1.1 a capital nasceu a partir da região de campinas, seria essa uma ligação com a tradição goianiense? Hobsbawm (1997 p.9) nos fala sobre a relação entre tradições inventadas e aquelas que surgem de forma orgânica. Para o autor, a diferença é que as tradições inventadas são construídas e formalmente institucionalizadas, enquanto as outras, nascem de tal forma orgânica que se torna uma tarefa árdua de se localizar sua origem e tempo de criação. O jeito goiano, seu falar, seu modo de agir, sua culinária e também as suas histórias não podem ser consideradas uma tradição inventada, Hobsbwam (1997 p.10) explica que as tradições inventadas possuem como característica uma continuação artificial e que se diferencia de costume que é mutável, apesar de que, sua mudança deve se aproximar do original. Sobre as lendas pesquisadas, é impossível conseguir rastrear a origem da narrativa ou se quer a sua versão “original”, contudo é necessário que a história se desenvolva de forma fluída, pois as lendas são reflexos da vivência e como tal, assim como a cidade, suas histórias seguem o fluxo da vida e da morte, se atualizam conforme as pessoas que as vivenciam se sentem tocadas pela história. Sobre esse arquétipo de lendas urbanas, podemos construir uma linha de pensamento na qual a prática oral é uma tradição orgânica.

2.1 Fantasmas e discursos

As lendas apresentadas na tabela nos mostram que das dezessete lendas, dez se relacionam diretamente com histórias de fantasmas. Waldman (2008) explica que existe um arquétipo do território imaginário, um espaço onde são colocados na mente todos os inimigos potenciais, incluindo os que não se adequam ao espaço da racionalidade. Yago (2022, p.10) elucida o que é um fantasma:

Fantasmas, espíritos, espectros, assombrações, almas penadas. Muitas são as imagens da espectralidade que, desde a mítica popular, parecem proliferar e aprofundar em nós um sentimento de terror provocado pelo deslocamento de um estado supostamente natural das coisas. Dentre as companhias imateriais da vida humana na terra, podemos firmá-los como das mais persistentes. Nunca não estivemos rodeados de fantasmas: eles estiveram nos cantos antigos da lírica greco-romana, mesopotâmica e céltica; foram cultuados enquanto forças numinosas – divinas ou demoníacas; grassaram frequentemente pelos mitos contados ao redor de uma fogueira ou de uma lareira, vestindo roupagens dignas dos contos de fada mais aterrorizantes. Inspiraram toda sorte de expressões artísticas ao longo dos séculos, como nas obras de Homero, de William Shakespeare, de Emily Brontë, além de nas chamadas “fantasmagorias”

Na citação de Yago, fantasmas e espíritos fazem parte da mítica popular, eles existem em diversas modalidades folclóricas e frequentemente são motivo de pavor ou inspiração em obras como o caso de Shakespeare e Emily Bronte, contudo, essas entidades paranormais são religadas ao imaginário humano, os transformando em vilões da humanidade. Uma possibilidade para a relação entre as lendas apresentadas e o vínculo com histórias de fantasmas seria a lembrança constante da morte, e uma representação do mistério do além-vida. Como dito por Cascudo (2006) o mito, é mais abrangente do que a lenda, em partes pode ser considerado um conjunto de lendas, uma estrutura macro. É possível encontrar em mitologias diversas a construção do fantasma, contudo a sua origem conceitual se torna obscura, uma vez que o conceitual *post mortem* se estende em diversas culturas.

Para facilitar uma divisão iremos utilizar o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1999, p.735) versa que Assombração deriva- se de assombramento, que por fim, se liga à palavra sombra. Que é definida como espaço sem luz. O site da editora Darkside (2023) completa que a assombração está ligada a um lugar específico, o que contrasta a dinâmica da entidade Poltergeist. As assombrações geralmente estão relacionadas a uma casa e podem durar anos. Quanto aos fantasmas, Machado (1977, p.20) nos relata que a sua etimologia se deriva de grego *phánasma*, sendo esse um ser imaginário, espectro. Darkside (2023) se aprofunda um pouco mais sobre essa conceituação utilizando como base a literatura

de horror, no caso, ela define que fantasmas podem ser uma de uma presença invisível até uma projeção corpórea transparente e essas manifestações ocorrem pelas entidades se recusarem a deixar o mundo dos vivos. E acredita-se que a aparição de fantasmas está ligada a mortes violentas ou ao fato da entidade não perceber que está morta. Segundo Plancy (2023, p.354).

Fantasmas, espíritos e assombrações de mau agouro, que tanto amedrontava nossos ancestrais, embora soubessem não haver nenhuma razão para temê-los quando munido de urtiga e mil-folhas. Os judeus afirmam que um fantasma, ao surgir, não é capaz de reconhecer a pessoa que ele vai assustar, eles acreditam, segundo o relato de Burxtorf, que véu cai, a fim de que a sombra possa vê-la e persegui-la. Alguns fantasmas anunciaram a morte; um espectro apresentou-se com essa finalidade nas bodas do rei da Escócia.

Sobre as lendas citadas, existe uma relação das narrativas e sua ligação com os fantasmas sendo elas: mortes violentas ou sofrimento no local ou correlação afetiva com o espaço. O que torna plausível a ligação das narrativas oralizadas com os locais apresentados.

Em São Paulo existe o *SP Haunted Tour* onde uma caravana passa pelas rotas da capital paulista contando as histórias e lendas paulistas. Essa iniciativa auxilia no comércio local e mantém viva as narrativas urbanas como uma forma de preservação deste patrimônio, sendo esse um dos objetivos desta pesquisa.

Segundo o site da *SP Haunted Tour* (2024)

O *SP Haunted Tour*, criado em 2011, é um city tour inovador ao proporcionar uma experiência lúdica a seus participantes, onde lendas urbanas e tragédias são abordadas com o intuito de gerar reflexões sobre as questões que afligem a mente humana e que impactam na rotina da metrópole. O passeio é noturno e panorâmico, sem visitas internas, fazendo com que - da janela do ônibus -, abra-se um portal ao imaginário popular e aos fatos históricos de São Paulo. Acredita em vida após a morte? Nós fantasmas do *SP Haunted Tour* acreditamos. Porque já morreremos!

Como dito no site do tour, as lendas urbanas podem abrir espaço para reflexão e se relacionam com a rotina das metrópoles, as histórias são interligadas com seu meio, mesmo que ele entregue tragédias para a sociedade, essas narrativas se mostram apenas como um espelho social. Baczkó (1985) nos fala que a cada corpo de mito, existe um mapa social, que representa uma escala de poder social. As histórias apresentadas na tabela, são relegadas ao esquecimento e a banalidade, tocar no tema da morte, sofrimento ou nos crimes em que algumas das lendas surgiram é reviver o horror ou a mera possibilidade de acreditar que o imaginário descrito por Baczkó (1985), possa de alguma forma, vazar pela teia da mente e se projete na realidade,

trazendo o valor simbólico das narrativas ao invés de diminutas histórias sem valor, para assim, manter um sistema social vigente em que essas vivências não possuem relevância.

Sant'anna, Carvalho e Oliveira (2019) nos contam sobre a história quilombola de mãe Ana, uma princesa africana que foi escravizada no Brasil e se tornou alforriada e herdou as terras e fortuna de seus senhores na cidade de Goiás, antiga capital do estado. Se a narrativa é ficcional ou não, não nos convém o caso, mas sua lenda nos relata as relações sociais e a historiografia do período, este é um exemplo da relevância em se relatar uma lenda, mesmo que ela seja uma sobre um momento de dor, sofrimento ou “programada” para ser apagada como é o caso dos folclores quilombolas, onde a branquitude que detém o poder hegemônico conduz a pena e o tinteiro de modo a apagar as lembranças dos povos tradicionais e negros do nosso país.

Charaudeau (2009, p24) enxerga as relações de informação como uma máquina midiática, a dividindo entre produtor, recepção pelo consumidor e produto pelo texto. Quando analisamos essa divisão conseguimos trazer o conceito de máquina midiática para uma visão mais antropológica e etnográfica a partir do momento em que a conectamos com a esfera da pesquisa, as lendas. Sendo assim, o produtor seria aquele que cria a lenda, que vivencia a experiência e a partir desse momento inicia-se um estopim de conexões que interligam a realidade e o imaginário ou fantástico[a depender do ponto de vista], sobre o receptor, podemos ligar os ouvintes ou leitores conforme o meio no qual a narrativa se divulga, por característica as lendas se perpetuam a partir da oralidade, contudo com as redes sociais e plataformas as histórias têm sido registradas, e disseminadas.

A diferença quanto ao produto é que, existe duas possibilidades, a primeira é que a própria lenda seja o produto, a história falada e a outra possibilidade é que, a depender do suporte no qual ela seja divulgada, exista uma infinidade de produtos midiáticos como textos em *blogs*, vídeos em plataformas, *posts* e etc. Essa abordagem midiática sobre as histórias, não são o objetivo desta pesquisa, contudo é válido repensarmos sobre a quem interessa a propagação dessas histórias. Para Bakhtin (2010) existe um conceito conhecido como enunciação discursiva, ela tem parte do princípio de uma informação que deve ser analisada a partir da esfera social em que se insere e que existe uma assimetria entre quem fala e quem recebe a informação devido ao contexto de vida e conhecimento acumulado. Charaudeau (2009, p.74) nos informa que devido a enunciação discursiva existe uma dificuldade em se encontrar a fonte da história e narrativa, e ao considerar a característica oralizada das lendas, torna ainda mais complexo localizar sua origem.

Contudo, as histórias são contadas a partir de um interesse, a quem serve essa narrativa ser comunicada? As lendas urbanas podem vir a ser utilizadas como forma de manipulação? Uma das formas que podemos pensar em uso de interesse sobre narrativas de horror seria para desvalorização de algum imóvel ou para evitar a circulação de determinadas áreas. Um exemplo de uso de narrativas de forma proposital para se adquirir vantagens, sejam elas financeiras ou sobre status é o museu dos Warren nos Estados Unidos, o casal Warren utilizou de narrativas e histórias ao longo de sua vida para conseguir reconhecimento e ao perpassar os anos, foram adquirindo objetos “amaldiçoados”, suas histórias geraram uma franquia do cinema conhecida como invocação do mal. Este é apenas um dos exemplos de possibilidades em que uma narrativa pode ser utilizada para um prol específico. Segundo Weingrill (2012) em entrevista para a revista Super Interessante em dois mil e doze a autora do livro Rotas fantásticas, Heloisa Prieto cria três máximas para se criar uma lenda urbana, como uma fórmula sendo ela:

a) recheiar a história de detalhes. b) Basear-se em fatos do presente. c) Mexer com oculto ou com o desconhecido.

2.2 O esqueleto na sala: como questionamos

O questionário é composto por questões mistas, contendo sete perguntas, o objetivo do questionário é compreender o nível de conhecimento dos moradores de Goiânia sobre lendas urbanas e se eles acreditam que essa temática pode ser uma possibilidade turística para a cidade. O questionário foi aplicado em regiões próximas

O questionário é composto por questões mistas, contendo sete perguntas, o objetivo do questionário é compreender o nível de conhecimento dos moradores de Goiânia sobre lendas urbanas e se eles acreditam que essa temática pode ser uma possibilidade turística para a cidade. O questionário foi aplicado em regiões próximas

de onde incidem as lendas urbanas da tabela 1. Pensando na otimização da aplicação, os questionários foram aplicados em áreas comerciais da cidade, onde o pesquisador não adentrou os espaços, foram entregues os questionários os termos de participação da pesquisa e esperamos o participante nos informar o final da aplicação. O público-alvo da pesquisa foi composto por comerciantes e seguranças de áreas próximas aos locais das lendas urbanas de Goiânia. Esses profissionais foram escolhidos devido à sua proximidade com os espaços mencionados nas histórias, além de seu contato diário com moradores e turistas. O questionário foi estruturado

para captar tanto dados demográficos quanto as percepções desses profissionais sobre as lendas e seu potencial turístico.

Figura 4- Questionário

Modelo de questionário:

Vínculo: _____ Sexo: _____

Período em que reside em Goiânia (Anos): _____

O quão bem você conhece a região:

Não conheço () Conheço pouco () Conheço bem ()

Frequento diariamente () Moro na região ()

Sabe o que é uma lenda urbana?

Sim () Não ()

Conhece a lenda urbana do local em que se encontra?

Sim () Não ()

Caso a resposta anterior tenha sido, sim qual é a lenda urbana do local em que se encontra?

Para você, uma lenda urbana pode ser um modo de incentivar o turismo?

Sim () Não ()

Você considera que estar em um local onde se passa uma lenda urbana tem atualmente algum impacto na sua vida?

Fonte: Autoria própria

Foram aplicados doze questionários, dos locais propostos o único que não foi possível aplicar foi o local onze, por não possuir comércio próximos e o prédio está em reforma.

A pesquisa não se propõe expor ou identificar os participantes, tendo as únicas informações pessoais o vínculo e o sexo dos participantes, dentre aqueles que aceitaram responder o questionário seis se identificaram como pertencentes ao sexo masculino, cinco se identificaram pertencentes ao feminino um não-binário. Quanto ao vínculo dos participantes, nove afirmaram trabalhar próximos do local, dois informaram morar próximos do local, e um informou estudar na instituição, neste caso foi o questionário sobre a lenda na Universidade Federal de Goiânia.

Estes dados servem para reafirmar a proximidade com que as pessoas possam vir a ter com o local onde as lendas se passam, se fez necessário aplicar o questionário em regiões próximas de locais em que existem lendas urbanas, esta escolha parte da necessidade de

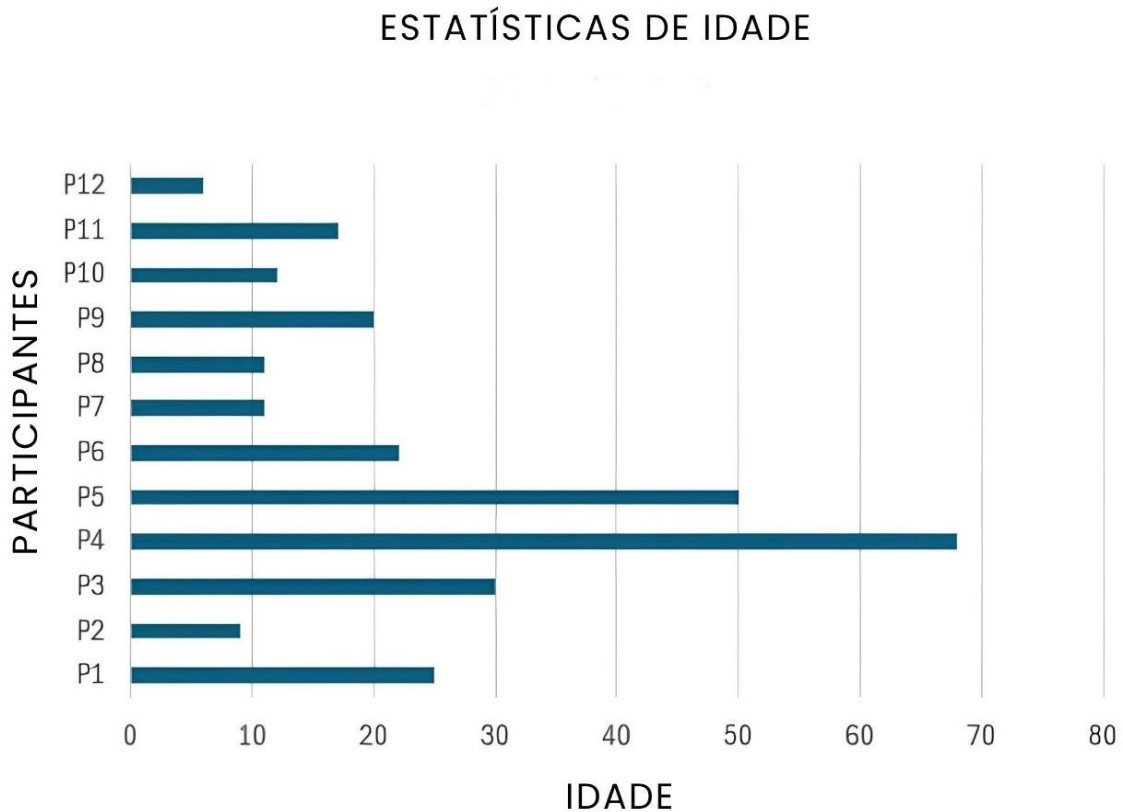
compreendermos se existe alguma relação destes participantes para com essas localidades, seja de afeto, memória ou da não existência de qualquer sentimento ou mesmo compreensão da historicidade daqueles espaços relacionados com as lendas.

Sobre o período em que os participantes residem em Goiânia, foi necessário incluir essa questão na pesquisa para que possamos compreender o tempo em que essas pessoas possam vir a ter tido contato com as lendas dos locais em que estavam inseridos. No gráfico abaixo temos a média de tempo de residência dos participantes na capital, sendo o menor número seis anos e o maior número sessenta e oito anos.

Com média entre os participantes de aproximadamente vinte e três anos de residência na cidade. Com estes dados podemos perceber que a maioria dos participantes nasceu e cresceu em Goiânia e tiveram a possibilidade de ter contato com as narrativas das lendas urbanas, além de acompanharem o desenvolvimento da capital de forma extensa.

O gráfico abaixo informa a variação de idade dos participantes do questionário. Dentro do campo de estudo patrimonial podemos incluir como parte da experiência da área, a memória, tornando a ideia de patrimônio indissociável a concepção da memória. Partindo desta premissa podemos buscar em Bosi (1994) uma explicação sobre a memória, para a autoria existem dois tipos de memória, sendo elas a memória-hábito, que é ligada a atividades corriqueiras e mecânicas e as lembranças, isoladas e autênticas. Quando aplicamos a idade ao questionário, pensamos na memória, e vivência. O tempo traz a lembrança e sendo esse o “trabalho” dos velhos, isso para Bosi. No caso desta pesquisa, a apresentação de uma idade acima dos quarenta anos, conforme mostra o gráfico, acompanha a possibilidade de um conhecimento mais profundo sobre as narrativas da cidade, isso se não ocorrer um conflito no tempo em que estas pessoas residem na cidade.

Figura 4 - Média de idade



Fonte: Autoria própria

A segunda pergunta do questionário se refere ao quão bem o participante conhece a região em que o questionário foi aplicado.

Dentre as opções:

Não conheço () Conheço pouco (2) Conheço bem (1) Freqüente diariamente (1) Moro/trabalho na região (8)

Dois participantes afirmaram conhecer pouco, um afirmou conhecer bem, um afirmou frequentar diariamente e oito participantes marcaram que moram ou trabalham na região. Esse dado assim como o vínculo nos informa se a pessoa que participou do questionário tem contato com o local ou estava a pouco tempo na região. As lendas urbanas são narrativas oralizadas e Eckert e Rocha (2011) acreditam que em contextos urbanos a cidade é temporal e a memória e o recordar dos sujeitos, sendo assim, se faz necessário um tempo de permanência para que a memória seja passada mediante de um vínculo entre as pessoas que habitam um determinado local e espaço.

A terceira questão obtinha duas opções de resposta, sim e não. O questionamento abordava o participante indagando se o mesmo sabia o que é uma lenda urbana.

Onze participantes responderam que sim e um participante respondeu que não, é necessário ressaltar que a pesquisa foi apresentada para os participantes antes da assinatura dos termos de participação e da entrega do questionário.

A quarta questão, assim como a terceira tem duas opções de resposta, sim e não. A pergunta é: conhece a lenda do local em que se encontra? Nove participantes responderam que sim e três responderam que não. Apesar do gráfico 1 nos informar que a média de tempo em que as pessoas residem em Goiânia seja de vinte e três anos, três participantes informaram não conhecer a lenda da região em que se encontram podendo levantar teorias, a primeira que essa temática não seja atraente para esses participantes e a segunda que não exista uma rede de compartilhamento de histórias pela região em que o questionário foi aplicado. Ou seja, a temática não é conversada.

A quinta questão se liga diretamente com a quarta, sendo ela: Caso a resposta anterior tenha sido, sim qual é a lenda urbana do local em que se encontra? Essa questão foi de cunho aberto o que poderia ter quatro possibilidades de resposta: 1- A lenda do local, 2- Nenhuma resposta, 3- Uma lenda que não é a que estava na tabela 1, 4) A lenda do local e outra lenda que não estava na tabela 1.

Esta questão permite que a pesquisa se expanda e se enriqueça a partir das respostas, pois caso surjam lendas não relatadas em jornais, [sendo estas, as fontes primárias desta pesquisa] o pesquisador terá a oportunidade de identificar possíveis locais ou narrativas populares que podem ser incluídos no produto final deste relatório. As lendas como parte essencial da história da cidade e de sua população, oferecem uma visão única sobre a cultura local, contudo algumas narrativas podem não ser contempladas pela grande mídia mas, carregam em si um viés profundo e revelador sobre o tecido social e urbano da capital e ainda assim, dificilmente seriam publicizadas com facilidade, estas narrativas trariam um viés profundo sobre o tecido da urbanização da capital. As respostas seguem na tabela 3.

Tabela 3 - Resposta questionário questão 5

Resposta 1	Parthenon Center, as pessoas se jogavam de lá.
Resposta 2	Prédio abandonado no centro, suicídios e rituais.
Resposta 3	Respondeu que não.
Resposta 4	Respondeu que não.
Resposta 5	Assassinato da família Mateuzzi.
Resposta 6	Fantasma do Luís Paladim.
Resposta 7	Respondeu que não.
Resposta 8	Já ouvi risadas vindo do túnel do Teatro.
Resposta 9	

	Era um espaço usado na época da ditadura militar.
Resposta 10	A casa da rua 228 que parece ser mal assombrada.
Resposta 11	Túnel que liga o palácio das Esmeraldas, o cavalo andando na praça cívica a noite, Pedro Ludovico andando no Palácio das Esmeraldas.
Resposta 12	Um casal foi assassinado no antigo leite Gogó.

Fonte: Autoria própria

As doze respostas do questionário, nos trazem informações sobre a nossa teoria, obtivemos três sem resposta. O que se vincula com a questão prévia em que afirmaram não conhecer a lenda do local em que se encontram e após a não resposta, podemos perceber que também não conhecem outras lendas da cidade. Nove responderam a lenda do local em que estavam confirmando que as narrativas oralizadas da região se entranham na vivência da população e da sociedade que convive em determinada região urbana. E uma resposta, nos trouxe dados adicionais conforme teorizado previamente, informando que além da lenda em que existem túneis do Palácio das Esmeraldas, A resposta por entremeio do questionário apresenta que duas outras lendas são compartilhadas naquele espaço.

A primeira lenda que foi difundida é que o fantasma de Pedro Ludovico, o interventor da capital goiana, “vive” e anda pelo Palácio das Esmeraldas à noite. Sendo esta, mais uma lenda que inclui a presença de uma entidade não viva a um local, sendo então uma história de fantasma. A segunda lenda também inclui o “pai” da capital goiana sendo esta a lenda em que

a estátua de Pedro Ludovico montado em seu cavalo localizada na praça cívica de Goiânia se movimenta também no período noturno, trotando pela praça. A praça cívica se tornou o berço das lendas urbanas de Goiânia, mesmo não sendo um dos primeiros setores onde a cidade nasceu, o impacto social do local traz memórias e cria narrativas sobre aquela localidade fazendo da mesma um espaço vivo.

Figura 5 - Pedro Ludovico e seu cavalo



Fonte: Letícia Coqueiro in: A redação.

A citação no questionário da existência de lendas não classificadas, e catalogadas reforça o princípio da narrativa oralizada, que transpassa a barreira do palpável e que de algum modo, a partir das relações se propaga pelas diversas camadas da sociedade. É possível que quanto maior a quantidade de questionários ou até mesmo entrevistas, mais lendas possam surgir. Chauí (1979) em introdução ao livro de Ecléa Bosi, descreve que devemos lutar pelos velhos, porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o futuro se prepara. Que a função social do velho é lembrar e aconselhar, -memini moneo. Acredito que as próximas pesquisas que venham a nascer desta fonte, possam trabalhar com recortes de idade e incluir de forma assertiva entrevistas com públicos de idosos, como dito por Chauí, os velhos são a essência da cultura e guardiões do passado.

A sexta questão segue o modelo fechado, tendo como possibilidade de resposta sim e não. Contudo, essa pergunta em específico, busca atingir a parte econômica da pesquisa, a partir desta questão é possível compreender como a visão das pessoas pode ser ressignificada sobre a cultura da cidade de modo a poder rotacionar o comércio urbano. A pergunta é: Para você, uma lenda urbana pode ser um modo de incentivar o turismo?

Dentre as respostas, onze pessoas responderam que sim, e uma respondeu que não. É uma amostra considerável, em que podemos inferir que apesar de que na pergunta anterior, três pessoas afirmaram não conhecer lendas, mesmo assim, responderam que a temática pode ter uma perspectiva turística forte para a sociedade. Liguori (2017, p.1.) define o turismo macabro como: Turismo obscuro ou turismo *dark*, é uma modalidade de turismo praticada por interessados em visitar destinos relacionados à morte, desastres, guerra, sofrimento, tortura. Em muitos desses locais, há a valorização do patrimônio, por processos de tombamento, espetacularização e turistificação. Ainda para Liguori (2017 p.2), o perfil dos interessados nessa modalidade turística são movidos pela curiosidade, gosto pela tragédia e pelo mórbido, pela história macabra e mal-assombrada desses locais. A relação entre o mal-assombrado e o patrimônio da dor/sombrio assim como o turismo dark/macabro se liga diretamente com o objeto desta pesquisa, as lendas urbanas.

A sétima e última questão, era de cunho aberto sendo ela: Você considera que estar em um local onde se passa uma lenda urbana tem atualmente algum impacto na sua vida? Esta questão tem como objetivo compreender a importância ou impacto seja ele, positivo ou negativo de se viver ou transitar por um local em que existe uma narrativa, uma lenda urbana.

Tabela 4 - Resposta questionário questão 7

Resposta 1	Depende do grau emocional de cada pessoa
Resposta 2	Não
Resposta 3	

	Não
Resposta 4	Não
Resposta 5	Não
Resposta 6	Sim
Resposta 7	Não
Resposta 8	Não
Resposta 9	Sim, as pessoas vem conhecer o espaço
Resposta 10	Não
Resposta 11	Trem da estação do relógio próximo a feira hippie
Resposta 12	

	Não, pelo menos para mim, não moro onde era antigamente (a lenda)
--	---

Fonte: Autoria própria

Das doze respostas, oito foram não, afirmando que não há impacto em suas vidas sobre o tema. Duas foram sim, mas apenas uma deu mais informações, falando que graças a lenda do local as pessoas se interessam em conhecer o espaço. Uma pessoa respondeu que depende do grau emocional de cada pessoa, mas sobre si mesmo não teve resposta. E uma foi inconclusiva, acredito que a pessoa não compreendeu a questão. Das respostas, é possível concluir que os participantes em sua maioria não veem como uma possibilidade negativa sobre a temática, e considerando a resposta da pergunta anterior, a população que participou do questionário em maioria acredita que o turismo deve investir nesta proposta.

O objetivo da aplicação deste questionário não é apenas quantificar a metodologia da pesquisa, mas sim, de forma mais específica, compreender a visão que os participantes possuem acerca das lendas urbanas, especialmente no contexto de sua vivência e contato com as narrativas da região. Esse olhar atento busca captar as percepções, crenças e interpretações dos indivíduos, valorizando o caráter subjetivo que as histórias locais possuem e como elas se entrelaçam com a identidade cultural e histórica de Goiânia. A pesquisa, portanto, vai além de um simples levantamento de dados; ela busca entender como essas lendas se configuram na experiência cotidiana dos participantes, como são transmitidas entre gerações e qual a importância dessas narrativas no contexto social e cultural da cidade.

Parte da proposta dessa pesquisa é refletir sobre as lendas urbanas não apenas como elementos culturais, mas como uma possível porta de entrada para o turismo macabro em Goiânia. Ao explorar esse nicho turístico, a pesquisa se propõe a ser uma forma de estimular novas formas de geração de renda para a cidade, integrando a comunidade local em um processo de valorização de suas próprias histórias e, simultaneamente, promovendo um olhar mais profundo sobre o imaginário coletivo da cidade. Dessa forma, as lendas urbanas podem ser vistas como um elo entre o passado e o presente, oferecendo uma nova dimensão de turismo que também reverbera as camadas ocultas e subcutâneas de Goiânia, a cidade de Pedro Ludovico.

Para uma melhor percepção dessa possibilidade, será lançado como produto desta dissertação um guia turístico que reunirá as lendas de Goiânia, juntamente com suas respectivas localizações, de forma mapeada. Esse guia não apenas buscará divulgar as narrativas, mas também apresentá-las como parte integrante do próprio tecido urbano da cidade, inserindo-as em um contexto geográfico e histórico que pode atrair tanto moradores quanto turistas. A proposta é que esse material funcione como uma ferramenta de promoção da cidade, ampliando a visibilidade das histórias locais e oferecendo um olhar diferenciado sobre o patrimônio imaterial de Goiânia. Ao fazer isso, espera-se que as lendas urbanas adquiram uma nova relevância e que, por meio de uma divulgação regional e nacional, se desperte no público um sentimento de identificação com as experiências culturais locais, fomentando o turismo e o engajamento com as raízes da cidade de forma inovadora e atraente

3 PROPOSTA DO PRODUTO: UM GUIA SOMBRIO

Neste guia, iremos explorar as lendas urbanas mais intrigantes da cidade de Goiânia, que foram cuidadosamente coletadas e analisadas ao longo desta dissertação. O objetivo é apresentar essas narrativas, muitas das quais foram transmitidas oralmente ao longo das gerações, e que são consideradas pelo autor como parte do patrimônio cultural e sombrio da cidade. Essas histórias não apenas enriquecem o imaginário local, mas também possuem uma forte ligação com a identidade goianiense, refletindo os medos, mitos e tradições que fazem parte da cultura popular de Goiânia.

Com isso, o guia não se limita a ser apenas uma coleção de histórias misteriosas, mas também uma ferramenta de valorização cultural. Ao compartilhar essas lendas, buscamos incentivar o turismo local e despertar o interesse por aspectos menos conhecidos da cidade, que, apesar de sua modernidade e crescimento, mantém em seu seio vestígios de um passado encantado e repleto de mistério.

Além das narrativas das lendas, o guia contará com um mapa detalhado da cidade, oferecendo uma rota sugerida pelo autor, que integra os principais pontos de interesse relacionados a essas histórias. O mapa servirá como um roteiro prático para que os turistas e moradores possam explorar fisicamente os locais onde as lendas acontecem, criando uma experiência imersiva e única.

O guia turístico acompanhará um mapa da cidade com uma rota sugerida pelo autor e as histórias das lendas urbanas. versão digital também permitirá um armazenamento acessível, possibilitando que o material seja consultado de maneira prática e eficiente. Dessa forma, o guia funcionará não apenas como um instrumento de divulgação das lendas urbanas, mas também como um anexo valioso à pesquisa acadêmica, contribuindo para o estudo da cultura popular e da memória coletiva de Goiânia.

Figura 6 - Capa Guia Turístico



Fonte: Autoria própria

A proposta deste produto nasce da ideia de repensar Goiânia como uma cidade com perspectiva para o turismo macabro e assim interligar as narrativas no formato de uma rota, no guia iremos abordar as lendas colaborando assim com a sua promoção para a sociedade goianiense. O guia turístico contém em sua estrutura pré-textual capa, apresentação do produto o interligando a dissertação e ao programa de pós-graduação em Estudos culturais, memória e patrimônio da Universidade Estadual de Goiás, dedicação, ficha catalográfica e sumário.

Dentro dos elementos textuais serão apresentados quinze capítulos. O primeiro capítulo tange o âmbito da cidade, uma apresentação da história de Goiânia. O segundo capítulo segue a abordagem introdutória da temática de lendas urbanas, aqui será apresentado de forma popular o que seria uma lenda urbana. Do capítulo três ao quatorze iremos relatar as lendas da cidade que foram coletadas a partir de fontes jornalísticas, como se trata de um guia é necessário as apresentações de imagens, para tal, serão utilizadas imagens para ilustrar os pontos turísticos.

No último capítulo encontra-se o mapa da cidade de Goiânia como uma rota que interliga os pontos turísticos sugeridos.

A proposta da criação de um guia turístico sombrio para a cidade de Goiânia, surgiu a partir das necessidades do autor de apresentar a cidade sobre uma ótica não convencional, onde a visão pode ser substituída temporariamente pela audição, o momento em que paramos para ouvir as histórias tristes e fantásticas dos antigos prédios e construções, das ruas familiares que um dia se pintaram de vermelho. Repensar a cidade é viver, mesmo sobre a tragédia ou a fantasia.

3.1 O formato definido

O formato do produto definido pelo autor será digital, com o objetivo de ampliar a possibilidade de divulgação do material de forma on-line. O guia turístico tem como base o guia turístico do SPHAUNTED TOUR, este guia possui as histórias da cidade e dos locais onde as lendas se passam.

Para amplificar a possibilidade de divulgação desta pesquisa, iremos elaborar um cartão com o QRCODE que leve diretamente ao site do PROMEP, onde o produto será hospedado, as informações sobre o cartão estarão mais detalhadas no item 4.3. Este cartão será entregue no Centro Cultural Marietta Telles Machado, na Biblioteca Estadual Pio Vargas. O centro cultural foi escolhido como um centro de distribuição devido a sua localidade centralizada no coração da capital e por ser um espaço de grande relevância para a cultura goiana para além da sua relevância física, a praça cívica é um dos cartões-postais da cidade, o berço da criação de Attilio Corrêa Lima, tornando-a assim um espaço simbólico para esta pesquisa.

3.2 Público-alvo: aos soturnos:

O público alvo deste produto se divide em duas partes: A comunidade goiana, todo e qualquer indivíduo goianiense que possua um interesse em conhecer as histórias e narrativas que circulam pelas veias abertas da cidade em que vivem podem encontrar neste guia uma forma prazerosa de conhecer a cidade a partir do mapa e das narrativas que popularmente fluem pela cidade, parte do objetivo deste material é que a população goiana se sinta representada pelas histórias que conhecem e intrigado pelas histórias que ainda não conhecem.

O segundo público-alvo seria qualquer indivíduo que possua interesse na temática de lendas urbanas, o guia será hospedado no site e repositório do PROMEP e a partir desse ambiente virtual, toda e qualquer pessoa que se sinta instigada pela temática terá acesso gratuito a este produto, de forma virtual. Ao longo da aplicação do questionário, alguns participantes relataram que outras pessoas haviam ido aos locais e perguntado sobre as lendas regionais, existe um crescimento do interesse sobre o tema o que reflete na relevância desta pesquisa para a sociedade goianiense. Dentro do item 2.3 da pesquisa - questionário - em sua sexta questão, onze participantes responderam que as lendas urbanas seriam relevantes para incentivar o turismo na cidade, partindo dessa afirmação este guia turístico será uma porta de entrada para um novo público para a capital.

Sobre o impacto esperado sobre a comunidade e na manutenção do bem cultural: Esperamos que com a coleta e registro dessas lendas a partir desta dissertação, as histórias possam atingir um público maior e que a comunidade goianiense possa ter acesso de forma acadêmica e lúdica parte de sua história de modo a se reconhecer nas narrativas e estabelecer uma nova visão sobre a sua relação com a cidade.

Considerando o imaginário social parte integral da comunidade, onde as narrativas serviram para criar e estabelecer laços e assim, seguirão o fluxo oralizado das lendas, conforme Eckert e Rocha (2011) acreditam exista a necessidade de se estabelecer uma fluidez sobre a relação entre sociedade e urbanização. E pensando no imaginário social é necessário destrincarmos sua perspectiva.

Segundo Pasavento (1995) o caminho para o imaginário é longo, para descartes por exemplo, o imaginar do imaginário é apenas um fruto da falsidade, aquilo que foge do racional e engana o homem. Posteriormente tivemos Comte com seu racionalismo positivista acreditando na morte do simbólico o separando do racional.

Essa correlação foi possível a partir da aplicação do questionário, ao aplicar o questionário, seus resultados foram palpáveis, sentir a memória dos participantes serem tocadas pela temática da pesquisa, trazendo na mala, saudade. É possível perceber por meio dos resultados que ao lembrar histórias que eram contadas entre vizinhos e amigos, as narrativas não mudam suas vidas, mas de alguma forma fizeram parte de suas histórias. As lendas urbanas são sobre memória, vivência e laços. Um modo de se lidar com a violência cosmopolita, a ressignificando e tornando a cidade parte do ser urbano, colocando as pessoas como personagens principais na trama da vida. Argan (2005, p 212) discorre sobre a formação das cidades, onde o objeto é sempre a existência humana como existência social. Logo, existe uma correlação da cidade com a comunidade e esta relação é polivalente a sociedade responde conforme a cidade se move, seja em caminho a periferia se relacionando com a gentrificação de bairros tradicionais, ou com a circulação ao centro da cidade devido a ofertas de emprego.

Ao integrar as histórias locais e as lendas urbanas com a identidade da cidade, cria-se uma oportunidade não apenas de preservar esses elementos culturais, mas também de recontextualizá-los dentro de uma nova perspectiva de valorização. Isso não apenas garante a sua continuidade, mas também oferece uma maneira de vivenciá-los de forma contemporânea, permitindo que as gerações atuais e futuras possam se conectar com esses relatos de maneira mais envolvente e significativa. Além disso, ao transformar essas lendas em atrativos turísticos, promove-se uma relação mais íntima entre os habitantes e as suas próprias raízes culturais, fomentando um sentimento de pertencimento e orgulho local.

Por meio da criação de um novo segmento de turismo, o denominado turismo macabro, a cidade de Goiânia tem a oportunidade de se destacar no cenário nacional e internacional, oferecendo uma experiência singular que combina elementos de mistério, história e entretenimento. Esse modelo inovador de turismo não apenas atrai aqueles que buscam o desconhecido e o sobrenatural, mas também abre novas perspectivas para a valorização das lendas locais, transformando-as em uma vivência contemporânea, imersiva e interativa.

Ao invés de simplesmente preservar as lendas como algo distante, pertencente a um passado que se perde no tempo, essa abordagem permite que as narrativas ganhem vida no presente, sendo experienciadas de maneira dinâmica e envolvente. O turismo macabro, portanto, cria um circuito turístico que não se limita a recontar histórias, mas sim a levar os participantes a explorar fisicamente os locais onde essas lendas se originaram, adicionando uma camada de autenticidade e misticismo ao passeio.

4 APLICANDO A DOR SOB O MURO DA CIDADE

A proposta de aplicação do produto inclui um manual de uso detalhado, que explicará seu formato e como utilizá-lo de maneira eficiente pela comunidade. A relação do produto com a comunidade participante será essencial, com foco na população da área central de Goiânia, especialmente nos comércios da região. Será realizada uma devolutiva, onde os resultados da pesquisa e do produto serão apresentados aos moradores e comerciantes locais, promovendo uma troca de informações e garantindo que a comunidade se beneficie diretamente do que foi desenvolvido. Esse processo visa fortalecer o vínculo entre a pesquisa e o desenvolvimento local.

4.1 Manual de uso do Produto

Neste item da pesquisa iremos apresentar de forma mais aprofundada e com riqueza de detalhes o produto. Nesta etapa será exposto dentro das nuances do produto ao manual, sua proposta de aplicação e a devolutiva para a comunidade goiana. Para tal ação levaremos em consideração o site do PROMEP, local onde as dissertações e produtos que são aplicados no programa de pós-graduação serão hospedados.

É necessário lembrarmos que o formato utilizado no produto será de documento portátil (portable document format -PDF), a escolha deste formato surge da possibilidade de se compartilhar de forma mais acessível por meio de sites e aplicativos de mensagens, como por exemplo Whatsapp ou Telegram. Para o usuário conseguir ler o material será necessário o programa Adobe Acrobat Reader, leitor fornecido gratuitamente, ou software similar, considerando que a maioria dos dispositivos móveis possui um leitor instalado de PDF. A escolha pelo formato digital no Adobe Acrobat Reader foi pensada com o objetivo de garantir a acessibilidade do conteúdo a um público mais amplo. O uso desse formato permite a ativação da função de leitura de voz, uma ferramenta importante para pessoas com necessidades especiais, como aquelas com baixa visão ou deficiência visual. Essa funcionalidade não apenas promove a inclusão digital, mas também assegura que a pesquisa e seus resultados estejam ao alcance de todos, respeitando as diversidades e garantindo a participação plena de pessoas com diferentes habilidades.

Para acessar o produto será necessário entrar no site do Programa de mestrado em estudos culturais, memória e patrimônio-PROMEPE, em seguida ir na aba publicações, e selecionar a opção relatórios técnicos.

Dentro desta aba será possível encontrar as seguintes informações: Turma, na qual o produto está vinculado, sendo a turma desta pesquisa a de 2023. O título do relatório técnico no qual o produto está atrelado. O discente que é o autor do produto e do relatório. O orientador no qual foi o professor que auxiliou o discente na construção da pesquisa. O ano da defesa, sendo este o ano em que a pesquisa foi defendida de forma presencial conforme os trâmites legais do programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás. O título do produto, sendo o deste produto: Histórias para não dormir: um guia turístico das lendas urbanas da capital goianiense. Um *hiperlink* que redireciona ao repositório com relatório da pesquisa e outro *hiperlink* para o repositório com o produto.

Figura 7 - Repositório

The screenshot shows a web browser window with the URL 'ueg.br/iael/promep/conteudo/21846_relatorios_tecnicos'. The page header includes the logo of Universidade Estadual de Goiás and a navigation menu with options like INSTITUCIONAL, ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO, and ESTUDE CONOSCO. A search bar is visible with the text 'pesquisar'. Below the header, the page title is 'MESTRADO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO - CÂMPUS CORA CORALINA'. The main navigation menu includes PROMEP, ÁREA DISCENTE, PROCESSO SELETIVO, PUBLICAÇÕES, AGENDA DE DEFESAS, CONTATO, and LEGISLAÇÃO. The 'PUBLICAÇÕES' section is active, showing a list of publications: ANAIS, RELATÓRIOS TÉCNICOS, and CERTIFICADOS. The 'RELATÓRIOS TÉCNICOS' section is expanded, showing a list of reports. The first report is titled '54) Título do Relatório Técnico: Entre memórias e identidades: a importância da educação patrimonial no mapeamento das celebrações de Firminópolis - GO'. Other details for this report include: Discente: Willisses Cavalcante Santos; Orientador(a): Maria Dailza da Conceição Fagundes; Ano da Defesa: 2024; Título do Produto: Firminópolis: História, memórias e celebrações; Relatório Técnico; Produto.

Fonte: PROMEP

4.2 Proposta de aplicação na comunidade participante

Para a aplicação deste produto, será levada em consideração o seu formato, contudo o pesquisador irá utilizar como material de suporte um cartão de visitas da pesquisa. O objetivo

deste cartão é apresentar a pesquisa e redirecionar a comunidade ao site do Promep onde a pesquisa será hospedada conforme explicado no item 4.1. Essa modalidade auxiliará na apresentação do produto, assim como na descrição do próprio programa de pós-graduação no qual esta pesquisa está vinculada.

O local escolhido para a divulgação da pesquisa é a Biblioteca Estadual Pio Vargas, na praça cívica da cidade, dentre as possibilidades de espaços, dentro do Centro Cultural Marietta Telles especificamente a biblioteca. O centro cultural possui em sua história e identidade um arquétipo tipicamente goiano, a unidade foi criada pela lei nº 6623 de 28 de junho de 1967, contudo sua localização foi alterada ao longo dos anos. Segundo o site da secretaria da cultural do estado de Goiás, entre 1976 à 1985 ela ficou instalada na avenida Goiás. Entre outubro 1985 a 1989 ela funcionou na sobreloja do edifício Parthenon Center e posteriormente realocada na praça cívica onde encontra-se até hoje. É curioso ressaltar que o Parthenon Center é um dos locais que esta pesquisa encontrou relatos de lendas urbanas e a praça cívica da cidade é um espaço onde diversas lendas goianas se iniciam conforme levantamento da pesquisa, tornando assim a Biblioteca Pio Vargas um local propício para que, talvez com o tempo, possua suas próprias lendas urbanas a serem relatadas em estudos seguintes.

A biblioteca tem como uma de suas principais funções atender à sociedade e à comunidade, oferecendo acesso a informações e recursos essenciais para o crescimento intelectual e cultural. De acordo com a Unesco, a biblioteca pública é considerada uma porta de entrada para o conhecimento, atuando como um espaço democrático e inclusivo, onde todos têm a oportunidade de se desenvolver. Segundo o Manifesto da Unesco (1994), as bibliotecas públicas são fundamentais para proporcionar condições básicas para o acesso ao conhecimento, aprendizado e desenvolvimento cultural de indivíduos e grupos sociais, sem qualquer tipo de discriminação.

Considerando a perspectiva social e cultural da biblioteca, unificar esta pesquisa a esse espaço torna-a mais pertinente, já que a biblioteca é um ambiente de preservação de memória. Ela não é apenas um local de armazenamento de livros, mas um centro dinâmico que guarda e compartilha o conhecimento e a identidade de uma comunidade. A pesquisa sobre as lendas urbanas se conecta diretamente a essa função, pois essas histórias, muitas vezes transmitidas oralmente, fazem parte da memória cultural da cidade e precisam ser preservadas e difundidas

Figura 8 - Cartão de apresentação



Fonte: Autoria própria

O pesquisador irá revisitar os locais onde o questionário foi aplicado, em conjunto do questionário foi entregue aos participantes um cartão de apresentação do pesquisador com contato para dúvidas sobre a pesquisa, contudo ao retornar esses espaços o pesquisador irá entregar um segundo cartão, este com uma perspectiva direcionada ao produto. Além de entregar este novo cartão, haverá uma roda de apresentação da pesquisa na biblioteca Marieta Telles onde será explicado o resultado do estudo.

O cartão entregue aos participantes contém um QR Code que, ao ser escaneado, redireciona para o site do Promep, onde será possível acessar o link da pesquisa, o relatório técnico e o produto gerado. No site, estão disponíveis informações sobre a pesquisa e o pesquisador, como a turma, o título do relatório técnico, o nome do discente, o nome do orientador, o ano da defesa, o título do produto, além de dois *hyperlinks*: um para o relatório técnico completo e outro para o produto. Essas informações são organizadas de forma clara, facilitando o acesso e o acompanhamento da pesquisa.

4.3 Devolutiva para a comunidade.

Seria presunçoso pensar em uma devolutiva, pois essas histórias e narrativas sempre pertenceram a eles, a comunidade goiana. A relação entre a sociedade goianiense e as lendas urbanas podem parecer, a princípio simplórias, apenas algumas histórias para se contar em uma mesa de bar ou no recreio da escola, contudo é sobre cultura, sociedade, história e memória. É

sobre socializar e reprisar momentos. Contudo, podemos pensar em um acréscimo para a sociedade, um humilde retorno para a coletividade que se agrada com narrativas sombrias urbanas. Hobsbaw (1997) versa sobre a invenção das tradições, sobre tradições do passado distante e próximo, e é possível pensarmos que as histórias que aqui são trabalhadas podem ser consideradas novas para a sociedade, contudo a sua raíz, o cerne de se contar uma história fantástica como visto ao longo desta dissertação é tão antiga quanto o ato de se narrar. É parte do ser humano contar uma história e é parte do goiano contar um “causo”, uma história fantástica que se aproxima do folclore. As lendas urbanas sempre fizeram parte da essência do goiano, seja como fofoca, folclore ou causo e é por isso que se acredita que esta pesquisa não é uma devolutiva social e sim, apenas um lembrar a sociedade goiana que eles sempre estiveram envolvidos com as histórias e que elas fazem parte do ser goianiense.

A pesquisa tem como objetivo inserir essas histórias de forma coletiva em uma categoria de patrimônio, especificamente o patrimônio sombrio. No entanto, a proposta vai além de uma simples categorização, buscando não apenas classificar as lendas urbanas como patrimônio cultural, mas também abrir novas perspectivas sobre essas narrativas. Pensamos nas lendas não apenas como elementos do patrimônio sombrio, mas como potenciais atrativos para o turismo macabro, uma vertente que poderia ser explorada na capital do estado de Goiás. Ao adotar essa abordagem, a pesquisa visa colaborar para uma nova forma de perceber as lendas urbanas, entendendo-as como reflexos profundos da sociedade, suas crenças, medos e mitos, que moldam a identidade coletiva e a cultura local.

Dessa forma, o trabalho propõe uma nova maneira de olhar para esses relatos populares, não apenas como histórias antigas e frequentemente negligenciadas, mas como elementos vivos e dinâmicos que podem contribuir para o fortalecimento do turismo e da economia local, ao mesmo tempo em que preservam e destacam o patrimônio cultural da cidade. A pesquisa será apresentada na Biblioteca Estadual Pio Vargas, que faz parte do complexo Centro Cultural Marietta Telles Machado, localizado na Praça Cívica de Goiânia, um espaço que simboliza a preservação e difusão da cultura local. A apresentação contará com materiais informativos, como cartões com o site do Promep, e um guia turístico que inclui quinze lendas urbanas de Goiânia, que conta com quinze lendas urbanas de Goiânia e um mapa que guiará com uma rota proposta pelo autor.

5 A ÚLTIMA PÁ DE TERRA

Nesta pesquisa, nos propusemos compreender a história da sociedade Goiana, relembrar que a capital de Goiás é um espaço de narrativas.

Utilizamos o questionário como ferramenta para analisarmos a memória da comunidade que vive em torno das histórias se tornando assim histórias vivas e presentes dentro das ruas e bairros. Foi possível identificar os locais e a vivência das comunidades em relação as lendas assim como a sua visão para a possibilidade de transformar Goiânia em uma cidade ponto de turismo macabro. Como patrimônio, podemos dizer que pensar lendas urbanas como parte importante de uma sociedade é transgressor, em uma área onde o patrimônio edificado é estruturado e o patrimônio imaterial caminha entre aldeias e favelas, pensar em patrimônio dentro da vivencia urbana, dentro dos horrores e vielas sujas de sangue em um momento em que o folclore foi remodelado e infantilizado como modelo de festa infantil escolar, é balançar as estruturas do patrimônio.

Repensar as lendas urbanas como patrimônio da dor é um dos objetivos desta pesquisa e conforme o item 1.2.3 mostrou a possibilidade de se incluir dentro deste estudo patrimonial uma nova visão dentro do leque de patrimônios difíceis. Atualmente quanto essa temática é abordada ela é ligada diretamente aos espaços, como sítios, hospitais e locais de guerra. Contudo o patrimônio da dor por excelência não necessita de uma conjuntura física para ser lembrado, a memória da cidade é parte importante da identidade de um povo, e Eckert e Rocha acreditam que a partir das vivências que são construídas ao longo do espaço urbano que podemos compreender a cidade e essa visão abrange também as lendas urbanas, os crimes e os horrores que rodeiam a teia complexa da urbanidade.

Podemos concluir por meio desta pesquisa que as lendas urbanas podem fazer parte do patrimônio sombrio da cidade de Goiânia e que com o advento do turismo macabro a cidade terá uma nova visão por parte da comunidade que vive no centro urbano, resignificando o local e possibilitando novas histórias nascerem entre os prédios. Segundo o Iphan (2024) o patrimônio imaterial abrange práticas, domínios, saberes, ofícios e modos de viver. Além destes, o patrimônio imaterial tange o âmbito de formas de expressão e lugares de práticas culturais e nosso objeto de pesquisa abrange tanto os locais quanto os saberes, as histórias e narrativas são parte do conhecimento populacional de Goiânia e invisibilizar as lendas urbanas é invisibilizar a vivência pluricultural da capital goianiense.

REFERÊNCIAS

A Informação Goyana (1917-1935) Edição FAC-SMILE. Goiânia: Agepel, 2001. Cd-Room.

ABREU, R; CHAGAS, M,S. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2009.

A bruxa tá solta: conheça lendas urbanas e lugares assombrados de Goiânia. In: **Jornal Daqui**. 2017. Disponível em: <https://daqui.opopular.com.br/editorias/famosos/a-bruxa-t%C3%A1-solta-conhe%C3%A7a-lendas-urbanas-e-lugares-assombrados-de-goi%C3%A2nia-1.1383026>. Acesso em: 23. Jul. 2023

ARGAN, G.C. História da arte como história da cidade. 5.ed. São Paulo, SP; martins Fontes, 2005.

ARIÉS, P. **História da morte no ocidente**. São Paulo, SP: Saraiva, 1978. Bairros por região. In: **Prefeitura de Goiânia**, 2022. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/bairros-pro-regiao.pdf>. Acesso em: 12, mar, 2024.

A sufragista. Disponível em: <https://www.lookandlearn.com/history-images/XD152018/The-Suffragette-for-Speaker-of-the-House>. Acesso em: 02. out, 2024.

BACZKO, BRONISLAW. A imaginação social. In: **Leach**, Edmund et al. *Anthropos-homem*. Lisboa; Imprensa Nacional,1985.

BAKHTIN. M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN. M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes,1992, p.261-306

BENJAMIN, R. **Conceito de folclore**. 1989. Disponível em: https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, **Constituição federal**. In: art 215-216. 1988.

BRASIL. Lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937. **Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública**. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

BRITTO, C, C; ROSA, R, L. Por que plangem os sinos? ressonâncias bibliográficas e patrimoniais na paisagem sonora na cidade de Goiás. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 05, n.14, maio/ago. 2020.

BRITTO, C, C. A terceira margem do patrimônio: o rio Vermelho e a configuração do *habitus* vilaboense. **Diálogos** (Maringá, Online), v. 18, n.3, p. 975-1004, set- dez./2014.

Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33914/pdf>. Acesso em: 20. nov 2022.

BRONISLAW, M. **The foundations of faith and morals**. London, Oxford University Press, 1936.

CASCUDO, L, C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo, SP: Global editora, 2015.

CASCUDO, L.C. 2.ed. São Paulo, SP: Global, 2006.

CASTTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 10.ed. São Paulo, SP: Paz e terra, 2007.

CHAUÍ, M.S. Os trabalhos da memória. In: **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Ed. Tao. 1979.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo, SP,:Contexto, 2009.

CHUVA, M. Por uma noção da história do patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e artístico nacional**, n. 34, 2012. p. 147-164.

CHUVA, M.(2020). Patrimônio cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In **Alice Eduarte** (ed), Seminários DEP/FLUP, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18305.pdf>. Acesso em: 10. dez. 2022.

COQUEIRO, L. In: **A redação**. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/153700/pedro-ludovico-do-alto-de-seu-cavalo-fundador-de-goiania-admira-a-cidade>. Acesso em: 17. abr. 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DARNTON, R. O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

DION, S. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. In: **Revista Boitatá da ANPOLI**. Londrina, PR: n. 6 -ago-dez, 2008.

Dia das bruxas: lendas urbanas de Goiânia. In: **Mais Goiás**, 2017. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/entretenimento/dia-das-bruxas-lendas-urbanas-de-goiania/>. Acesso em: 23.Jul.2023

ECKERT,C. **Une Ville Autrefois Minière: Étude Anthropologique La Grand-combe France**, Université René Descarts, Paris. 1991.

ECKERT,C; ROCHA,A,L,C. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. In: **Revista de ciências sociais**, n.34, Abril de 2011.

ELIADE, M. **O mito e a realidade**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1986.

FERNANDES, K. Planta urbanística de Goiânia pode conter símbolo maçom. In: **Jornal Opção**, 2014. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/planta-urbanistica-de-goiania-pode-conter-simbolo-macom-6355/#:~:text=3DO%20interventor%20federal%20do%20Estado%2Ca%20funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20nova%20cidade> Acesso em: 17. Set,2024.

FOLEY M; LENNON, J. J. **JFK and Dark tourism: a fascination with assassination**. 1996.

FRISSON, T, B; STRECK, C, F. **Lembranças de velhos: o mundo do trabalho na infância. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. V.1, 1999.

GENNEP, A. V. **La formation des légendes**. Paris, FR: Legare Street Press, 1910.
GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

GIL, A, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

Goiânia Assombrada e suas lendas urbanas. In: **Diário da Manhã**. 2019. Disponível em: <https://www.dm.com.br/cultura/2019/10/goiania-assombrada-e-suas-lendas-urbanas>. Acesso em: 23. jul. 2024.

Goiânia e seus lugares assombrados: In: **Acervo sobrenatural**, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rub413AcktU&ab_channel=AcervoSobrenatural. Acesso em: 23. jul. 2024.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003

História de Goiânia: In: **Prefeitura de Goiânia**. 2024. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/historia-de-goiania/#:~:text=O%20decreto%20estadual%20n%C2%BA%203359,da%20nova%20capital%20de%20Goi%C3%A1s>. Acesso em: 12 mar. 2024.

HOLANDA, S.B. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo, SP: Brasiliense, 2000.

HOBSBAWN, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1997.

IBGE, Cidades e estados, Goiânia. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/goiania.html>. Acesso em: 28, Jan, 2024.

IPHAN. Patrimônio imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 24 out. 2024.

LOPES, C, R. **Lendas urbanas na internet**: entre a ordem do discurso e o acontecimento enunciativo. São Paulo, SP, 2007. 13 p.

LIGUORI, F. O turismo obscuro e o patrimônio edificado. In: **XXIX Simpósio Nacional de História**. 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151_ARQUIVO_Oturismoobscuroepatrimonioedificado.pdf. Acesso em: 18. Abril, 2024.

MANIFESTO DA IFLA/UNESCO sobre **bibliotecas públicas**, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/public-library-manifesto/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca em sociedades arcaicas, In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, SP; Edusp, 1974.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MENEGUELLO, C. Patrimônios difíceis (sombrios). In: **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. CARVALHO, Aline, MENEGUELLO, Cristina (org). São Paulo, SP: Unicamp, 2020. p. 245.

MENEGUELLO, C; PISTORELLO, D. Patrimônios difíceis e ensino de história: uma complexa interação. In: **Revista História Hoje**, v.10, nº 19. Jun 2021.

MOREIRA, G de O. Goiânia, um passado que honra o futuro. In: **Jornal o popular**. 23, out, 2002. p.2.

PASSAVENTO, S. **Em busca de outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, SP: v.15, n. 29, 1995.

PLACES OF PAIN AND SHAME: dealing with difficult heritage, LOGAN. W; REEVES, K. (Org) New York: Routled, 2017.

PLANCY, J.C. **Dicionário infernal**: repertório universal. São Paulo, SP, Editora São Paulo, 2023.

POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

Qual a diferença entre fantasma, poltergeist e assombração? conheça essas entidades possuídas. In: **Darkside**, 2023. Disponível em: <https://darkside.blog.br/qual-a-diferenca-entre-fantasma-poltergeist-e-assombracao/>. Acesso em: 01, jul. 2024

RENARD, J.B. **Rumeurs et légendes urbaines**. Paris: PUF, 2002.

RIBEIRO, D. **O Povo brasileiro**. 2.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, A, L, C, da, ECKERT, C. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavísal, 2013.

ROCHA, G. **Cultura popular**: do folclore ao patrimônio. In: Mediações. v.14, n.1, p. 218-236, jan/jun. 2009.

RODRIGUES, G, G. As lendas Jaguaraenses e sua importância para a preservação da memória, identidade e patrimônio cultural da cidade de Jaraguá- GO. 2018 Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/eipdcc-propostas-praticas-acoedialogicas/artigos/artigo28.html>. Acesso em: 04 dez. 2022.

RODRIGUES, R; SILVA, M. Arte tumular e patrimônio: o cemitério santana como expressão da cultura material na cidade de Goiânia. In: **Revista Mosáico**, v.12, p. 91- 109, 2019.

SALES, A. V. **Teoria Folclórica de Câmara Cascudo**: diferenças entre os Conceitos de Folclore e Cultura Popular. João Pessoa-PB-Brazil: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2023

SANTOS, José Luiz do. **O que é cultura?** 16.ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1996.

SANT'ANNA, T, F; CARVALHO, M, M; OLIVEIRA, J. Práticas quilombolas no terreiro de mãe Ana. In: **Revista Tampusis [ação]**. v.19, n.2, jul/dez, 2019.

SILVA, J, F. O monumento aos bandeirantes em Goiânia e o mito fundador da nova capital. In: **Revista Memória em rede**, Pelotas, v.12, n.23, jul/dez .2020.

SPHAUNTEDTOUR, 2024. Acesso em: 08, mar, 2024. Disponível em: <https://www.sphtour.com/>.

SOUZA, R, L, de. **A morte no Brasil**: representações e práticas. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

SYLVESTRE, F, A. **O uso de lendas urbanas**: uma proposta de leitura. Anais IV THOMS, J, W. Folk-lore. In: **Atheneum**. Londres, 22 de agosto de 1848.

Três portas para o misticismo. In: **Jornal O popular**. Goiânia, 15, jun 1991.p.2 Treze lendas urbanas goianas de causar arrepios. In: **Curta Mais**, 2015. Disponível em:

<https://curtamais.com.br/goiania/13-lendas-urbanas-goianas-de-causar-arrepios/>. Acesso em: 23. Jul, 2024.

TUNBRIDGE, J.E; ASHWORTH, G.J. **Dissonant Heritage**: the management of the past as a resource in conflict. London, UK: Belhaven Press, 1996.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1981

WABER, M. **Metodologia das ciências sociais, parte 1**. 3.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999

WALDMAN, M. Arquétipos, fantasmas e espelhos. In: **Espaço e Tempo**, São Paulo. n. 23. p 44-64, 2008. Acesso em: 11, mar, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74080/77722>.

WEINGRILL, N. Como criar uma lenda urbana eficaz. In: **Revista Super interessante**. 2012.

YAGO, D, F. A vida dos fantasmas: melancolia e memória. In: **Junguiana**, v.40-1, p.9-22, 2022. Acesso em: 11, mar, 2024. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v40n1/02.pdf>.